

revista dos

Criadores

Órgão Oficial de Divulgação da Associação Brasileira de Criadores
Ano LXVIII - nº 813 - Fevereiro / 98 - R\$ 5,50



Pardo-Suíço Original:
linhagem 100% carne

Máquinas agrícolas

**Appaloosa: beleza e
funcionalidade**

REVISTA®
DOS
CRIADORES

Invista na sua **imagem**

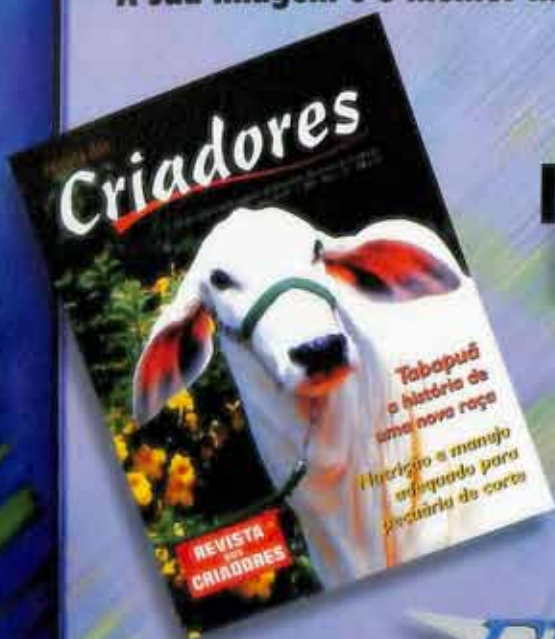
**Tecnologia,
criatividade e
agilidade.**

**A Fracta atua na área
de produção gráfica, criação de
anúncios, promoção e desenvolvimento
de projetos editoriais.**

**A Revista dos Criadores é um dos trabalhos
executados pela Fracta.**

Consulte-nos.

A sua imagem é o melhor investimento.



revistas jornais
material promocional
anúncios

FRACTA

Rua Capitão Otávio Machado, 264 - CEP 04718-000 - São Paulo - SP
Telefax: (011) 5182-5881 / 5181-2027 / 931-2019 - e-mail: fracta@dialdata.com.br

expediente

revista dos

Criadores

*A Revista dos Criadores,
órgão oficial de divulgação da
Associação Brasileira de Criadores,
destina-se ao fomento
e melhoria da pecuária nacional.*

Direção:

Guilherme Monteiro Junqueira

Coordenação Geral:

Maria Lúcia de Lacerda
Ana Paula Caporino

Jornalista Responsável:

Jenny Elissa Kanyó - Mtb 2.264

Colaboradores:

Francisco Graziano
Nelson Moraes
Virginia Santiago Silva
Valéria Dutra
Cecilia José Verissimo
Novartis

Consultor Técnico

Cláudio Cicero Sabadini

Departamento Comercial

M^a de Fátima Barros - (011) 831-7982

Projeto Gráfico e Produção

Fracta Produções Visuais S/C Ltda.
524-0027 / 524-5881 / 931-2019

Direção de Arte

José Marcos Caporino

Impressão

Tammaro

Periodicidade

mensal

Redação e Distribuição

Associação Brasileira de Criadores
Av. José Cesar de Oliveira, 181
11^o andar - Vila Leopoldina
CEP 05317-000 - São Paulo - SP
Tels.: (011) 832-5967 / 832-9369 /
831-7982 / 261-8438
Telefax: (011) 831-2731
e-mail: abc@mandic.com.br

*Os artigos assinados não refletem
necessariamente a opinião da Revista e
são de responsabilidade de seus autores.
Autorizamos a transcrição de matérias
aqui publicadas desde que sejam citados
o nome e a edição da Revista dos
Criadores.*



Quadro Corporativo da Associação Brasileira de Criadores

(Ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos)

*Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811,
de 20 de outubro de 1958.*

Registrada no Ministério da Agricultura sob nº 35, com jurisdição nacional.

Diretoria

Presidente

Guilherme Monteiro Junqueira

Vice-Presidente

Rubens Malta de Souza Campos Filho
José Cassiano Gomes dos Reis Junior
Edgardo Hector Perez
José de Castro Rodrigues Netto
Henrique de Souza Dias

Tesoureiro:

João Luiz de Freitas Britto

Conselho Deliberativo

Presidente

Vice Presidente

Pedro de Camargo Neto

Conselheiros Natos

José Bonifácio Coutinho Nogueira
Joaquim Barros Alcântara Filho
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Guilherme Monteiro Junqueira

Conselheiros Efetivos

Virgílio de Almeida Penna
Roberto Rodrigues
João Francisco Costa Lima
Manoel José de Alcântara
Francisco José Ribeiro Junqueira
Nelson Luiz Baeta Neves

Conselheiros Efetivos

José Calil
Clarice Brito Soares
Carlos Alberto Julio Lohmann
Cícero de Toledo Piza Filho
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Roberto Cano de Arruda

Suplentes

Fernando Euler Bueno
Luiz Glycerio Gracie de Freitas
Armando Lima
Fábio Paiva Garcia
Fernando Prado Rennó
João Antonio Camarero

Gil de Souza Ramos

Agrício Cano de Arruda
Luiz Rondon Teixeira de Magalhães
Henrique Lambert Junior

Conselho Fiscal

Gil de Souza Ramos
Vicente Martins Junior
Arnoldus Hermanus Josef Wigman

Conselho Técnico Deliberativo

Presidente

José Calil

Vice Presidente

Manoel José de Alcântara

Secretário

Antonio Carlos Gouvêa

Conselheiros

Vanderlei Antunes - MAA
Fidelis Alves Neto
Osmany Junqueira Dias
Carlos do Amaral Cintra
Fernando Prado Rennó
Fernando Gomes de Castro Junior
Guilherme Lange Goulart

Departamentos

Departamento Jurídico

Luiz Rondon Teixeira de Magalhães

Departamento de Relações

Internacionais

Rubens Malta de Souza Campos Filho
Edgardo Hector Perez

Departamento Técnico

Provas Zootécnicas

Cláudio Cicero Sabadini - Zootecnista

Departamento Administrativo

Maria Lucia de Lacerda

Comissão Regional do Rio de Janeiro

Presidente

Custódio Cabral de Almeida

Vice Presidente

Eider Ribeiro Dantas Filho

Problemas, liderança e eleições

Nosso Brasil tem tantas coisas surpreendentes, que se revelam com muita frequência, que se repetem e que, quando são problemas a resolver ou até absurdos, são analisadas sem que suas origens, seu passado e sua história sejam consideradas; quando trazem resultados positivos, beneficiam o processo econômico e social das comunidades, estados ou país, o mesmo acontece mas muitos tiram proveito. São nossos governos, são nossos políticos, somos todos nós responsáveis por isso.

Só para ilustrar e comentando fatos dos nossos dias: temos, por exemplo, a inauguração, com festas e grande publicidade, da eclusa da Usina de Jupia, que permitirá o pleno desenvolvimento de navegação fluvial do Rio Paraná. Ora, há vinte e poucos anos que as obras civis já estavam prontas aguardando seu equipamento. Fala-se em déficit de energia elétrica e, em São Paulo, há vinte e tantos anos se está construindo a Usina de Porto Primavera.

O Código Nacional de Trânsito foi promulgado depois de quatro anos de Congresso. Ato contínuo levantam-se problemas para sua aplicação, fala-se em emenda-lo para corrigir conflitos ou ajustar exigências. A política tributária é perversa, irreal e injusta. Luta-se para alterá-la bem como a da Previdência. São fundamentais pois atingem diretamente o cidadão e, mesmo assim, vão tão devagar.


Na agropecuária a coisa é pior. Não se atende ao campo e o que temos? Um setor econômico pobre e sofrido, com fama de rico e aproveitador. Nosso crescimento, no tempo e em função do nosso potencial é ridículo. O mesmo se pode falar da infra-estrutura de apoio, do desperdício, das deficiências da comercialização, do abandono do homem do campo com relação à saúde, e educação, enfim, da falta de uma Política Agrícola estável, bem definida e base real de apoio do setor.

O descaso com que a atividade rural foi tratada ao longo de décadas também nos deu, como resultado, o crescimento das favelas nas áreas urbanas, com todos os problemas que hoje presenciamos; uma legião de "sem terras", massa de manobra política e que nos trará e irá trazer, ainda, graves problemas; o pequeno e médio agricultor em situação de dificuldade econômica e social e profissionalmente despreparado; nossas representações são inexpressivas e desarticuladas.

Temos muitos assuntos a serem tratados, junto aos governantes. Precisamos reconhecer que o setor precisa se organizar e fazer se representar por lideranças autênticas. O sistema confederativo vigente é, como todo o sistema sindical brasileiro, arcaico, deficiente, criador de pequenos grupos privilegiados, que conseguem se manter em suas posições manobrando recursos compulsórios e independentemente da atenção que dão às suas categorias e seus integrantes.

Em 1998 teremos eleições. É mais uma oportunidade para manifestarmos nosso reconhecimento aos verdadeiros líderes do nosso setor. Vamos apoiá-los, vamos comprometê-los com nossa luta, com nossos problemas e reivindicações. E depois, vamos colaborar e cobrar.

Aproveitemos mais esta oportunidade; vamos começar separar o joio do trigo.


Guilherme Monteiro Junqueira
Presidente da Associação Brasileira de Criadores



Capa: Gado Pardo-Suíço
Fazenda Meira Fernandes
Foto: Carlos Goldgrub

índice

6 - Pardo-Suíço Original

12- Mercado agrícola brasileiro retoma fôlego para os próximos anos

17 - O drama dos com-terra

18- Gir Leiteiro: peça fundamental para o aumento da produção leiteira no país

22 - Appaloosa: sinônimo de beleza e trabalho

32- A resistência dos bovinos e o controle do carrapato *Boophilus microplus*

36 - O controle da mosca-dos-chifres

37 - Linfadenite Tuberculóide em suínos: o que pode ser feito para seu controle

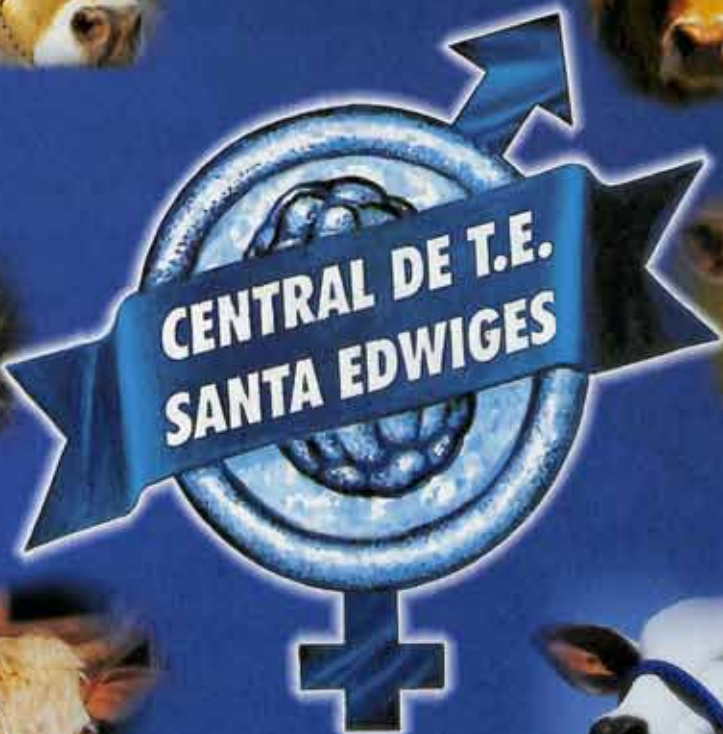
38 - Reflorestamento: o caminho para uma vida melhor

42- Eventos

44 - Lançamentos

48 - Notas

A MELHOR GENÉTICA PARA TODAS AS RAÇAS



**FRETE GRATUITO
NUM RAIO DE 1.500km!!!!
(RECEPTORAS E DOADORAS)**



Estrada de São Tomé, 14 - Bairro Santa Isabel - São Gonçalo-RJ - CEP 24735-710
Telefax.: (021) 701.3265 / 601.7979 / 701.2250

gado de corte

Pardo-Suíço Original

Genética de altíssimo nível está no Brasil

Apostando nas infinitas qualidades do Pardo-Suíço Original, a Meira Fernandes Agropecuária, de SP, está investindo pesado num projeto para criação de novilhos superprecoces, a partir do seu cruzamento com gado Nelore. Para tanto, está importando, diretamente do Canadá, matrizes e novilhas de primeira linha, para servirem de base genética para o projeto. Deste lote, com 25 novilhas e 230 embriões, nasceu, no último dia 25 de dezembro, um bezerro Pardo-Suíço Original. O primeiro no Brasil.





A tradição de que o Pardo-Suíço só serve para produção de leite persistiu por muitas décadas, aqui no Brasil, principalmente no Sul, região de maior predomínio da raça. Mas, na realidade, desde o seu surgimento, na Suíça, ele sempre foi um animal de dupla função. Querendo resgatar suas verdadeiras habilidades, alguns poucos criadores brasileiros estão apostando na sua aptidão para corte, redescobrimo, com sucesso, uma ótima opção para a pecuária brasileira. Para especialistas, esta será uma tendência mundial, já que o Pardo-Suíço é comprovadamente uma raça que atende às necessidades dos pecuaristas que procuram produtividade a baixo custo.

Esta bandeira foi levantada, inicialmente, pelos americanos - os primeiros a realizarem provas de desempenho e carcaça, em 1960 e que criaram o *Brown Swiss*, ou Pardo Suíço com sangue americano. Posteriormente, o exemplo foi seguido por mexicanos, que desde o início do século mantêm um rebanho de dupla aptidão, e pelo Canadá, país que desenvolveu um material genético de altíssima qualidade, utilizando as tradicionais linhagens suíças.

No Brasil, a formação de um plantel de Pardo-Suíço, com dupla funcionalidade está em teste em diversas fazendas, há aproximadamente 20 anos. E com uma utilidade muito especial: os animais nunca são destinados ao abate. Eles estão sendo usados como base genética para o cruzamento industrial com o Nelore. Afinal, suas características - como habilidade materna, pelo curto, total pig-

mentação, cascos escuros e fortes e excelente desempenho dos touros a campo, mesmo em condições de alta temperatura, são extremamente favoráveis aos pastos brasileiros.

E foi pensando assim que Donizete Fernandes, diretor da Meira Fernandes Agropecuária, possuidora de 14 fazendas (sendo 13 no Estado de São Paulo e uma no Mato Grosso do Sul) resolveu destinar uma das propriedades, localizada na cidade de Buri, SP, e que tem o nome da empresa, à formação de um plantel de Pardo-Suíço para cruzar com Nelore, a base para a produção de novilhos superprecoces.

Para tanto, ele importou do Canadá, entre os meses de outubro e dezembro de 97, 25 novilhas e 230 embriões Pardo-Suíço (Braunvieh) Original - PSO, que serão utilizados como base genética. "Usaremos o Pardo-Suíço, a partir dos 12 meses (quando eles chegam ao peso certo) para cruzar com o Nelore. O meio sangue será cruzado com outra raça européia e este produto tricuruzado tem de ir para o abate, aos 12 meses, pesando 16,5@", explica. "Nosso objetivo é ter reprodutores para comercialização de semens, como também fazer um trabalho de monta nas fêmeas Nelore ou outras raças.

Entre os animais importados estão as filhas de **Bouncer, Arthur, Nathan, Imperial, Nelson e Ricco**, todas provenientes dos criatórios Starline e de George Ulrich.

Os animais adquiridos por Donizete foram trazidos em lotes. "O primeiro, em outubro, depois, outros em novembro e, em dezembro. Os embriões chegaram antes que os animais. "Como são provenientes de clima di-

ferente do nosso (29 graus de diferença) precisavam passar por um processo de aclimatização. Por isso, detalhamos o seu manejo", fala.

Por que o PSO?

O interesse pelo assunto veio, inicialmente, através do amigo criador José Lopez Fernandes Netto, de Itapeva, SP, que já tinha comprado um lote de PSO, e pelo professor Silveira da Unesp de Botucatu, um estudioso do novilho superprecoces. "Não me passava pela cabeça criar o Pardo-Suíço Original. O Netto é que praticamente fez a minha cabeça. Então, comprei sêmen Braunvieh que foram usados em 150 fêmeas Nelore e o resultado me surpreendeu. Peso superior a 16 kg, em relação à segunda raça mais pesada no final do confinamento. Um lucro, por cabeça de R\$ 14,00, ou seja, 10% a mais do que você normalmente ganha com o superprecoces", conta.

Desde o início Donizete também segue os conselhos do consultor Ulrich, um selecionador suíço radicado no Canadá e reconhecido como uma das maiores autoridades na raça. Ele foi contratado para ajudar no em-

Foto: Angelo



preendimento, e firmou acordo de exclusividade com a Meira Fernandes, para compra de embriões vindos do seu rebanho. Uma excelente garantia. "Antes da compra dos animais recebi Ulrich em minhas propriedades. Conversamos muito, entabulamos a parceria para compra de embriões e, só então, fui à Suíça para participar dos 100 anos da fundação da Associação de Criadores de Pardo-Suíço. Fiquei durante uma semana só ouvindo, colhendo dados, conven-

cendo-me de que realmente a raça oferece todas as vantagens buscadas por um pecuarista moderno.

Segundo ele, a fertilidade, precocidade e a habilidade materna são características insuperáveis da raça e que contribuiu 100% para sua opção. Ele destaca também a conformação de carcaça e a conversão alimentar. "É fundamental que os animais tenham boa conversão alimentar e ganho de peso rápido e, isto, o PSO tem de sobra". Donizete destaca também a sua rentabilidade.

Mas o que mais o surpreendeu foi, sem dúvida alguma, a questão da precocidade. Lá na Suíça ele foi informado que uma novilha tinha entrado no cio aos 4 meses de idade. "A princípio achei isto uma barbaridade, já que a propaganda da raça era de que a fêmea Pardo Suíço Original entrava no cio, em média, aos 12 meses, podendo ser então inseminada. Mas, em visita à uma fazenda, pude comprovar de perto, a inseminação de uma novilha de sete meses. Quis fazer o teste e após comprar alguns exemplares, uma novilha minha entrou no cio aos 6 me-



Foto: Carlos Goldgrub

ses. Agora, nós acabamos de inseminar uma de 8 meses. Depois disso, a precocidade do Pardo Suíço fica mais do que comprovada".

A iniciativa de Donizete Fernandes foi bem-vinda para a pecuária brasileira. O número de animais Pardo-Suíço para corte ainda é praticamente zero no Brasil, se comparada a outras raças.



Matrizes que acabam de chegar ao Brasil

"Quero ajudar a mudar este quadro. Muitos criadores ainda não se conscientizaram das qualidades do PSO para corte.

Outra vantagem é sua alta lactação, que faz com que os bezerros nasçam com uma média surpreendente de 50 kg e se desenvolvam rapidamente, com ótima massa muscular e na desmama,

aos 7 meses, tenha pelo menos metade do peso da mãe", diz ele que fez questão de trazer para seu criatório, o que havia de melhor em termos de raça.

Orgulhoso, ele conta que na Fazenda São Mateus, 40 km da Meira Fernandes está a maior concentração de F1, Pardo Suíço X Nelore. "São 500 bezerros da melhor qualidade. As fêmeas serão então cruzadas com outra raça européia. Também existem cruzas em duas outras propriedades,

No momento, 230 fêmeas meio sangue passam por uma bateria de exames para se tornarem receptoras de embriões importados", explica. Ainda no início de 98, as novilhas importadas vão em coleta de embriões. A Meira Fernandes também possui mais de 40 touros Pardo Suíços para trabalhar o rebanho Nelore. A relação é de um macho para 40 fêmeas.

Foto: Carlos Goldgrub

Donizete só se arrepende de não ter entrado no processo do superprecoces antes. "Em 1994, quando fui contatado pelo professor Silveira, não dei muita importância e com isso perdi dois anos. Hoje percebo que a recria no Brasil está absolutamente fora de foco porque, na realidade esta é a fase em que os novilhos mais

precisam de alimentos (proteínas), além de um bom pasto, é claro".

Para que os animais se adaptem rapidamente ao chegarem de um clima bem diferente do nosso, a Meira Fernandes dispensa alguns cuidados especiais. "Logo que eles chegam - período, que chamamos de pre-munição - todos ficam em confinamento, rece-

bendo, nos primeiros dois dias, alfafa, volumosos secos e água à vontade. A partir do terceiro dia ganham mais concentrados. No sétimo dia, se estiver com o rúmen funcionando bem e com a temperatura média de 37,5 a 39,5 graus (isto o animal adulto) e se o hematócrito estiver em ordem, todos os animais são vacinados contra a babesia e anaplasma (feita com sangue do animal infectado)".

Donizete explica que depois de uns 12 dias de aplicação da vacina é natural que o animal tenha uma reação, como febre alta e inapetência. "Então fazemos novo hematócrito e dependendo do estado do animal entramos com um medicamento leve (analgésico) ou deixamos que o corpo reajá. Vinte dias depois, nova reação. É aí que a gente faz uma lâmina para ver se o animal criou anticorpos. Simultaneamente, a gente cuida do ambiente, a cada 15 dias fazemos a pulverização

sobre as características do Braunvieh, estamos aprendendo juntamente com os animais. Experimentamos tosquiar a última leva de novilhas que chegaram em uma época muito quente. Com isso, sua adaptação foi muito mais rápida", conta.

Se comprova que os animais criaram anticorpos eles são soltos no campo, período em que vão transformar capim em carne. O PSO, em nossa fazenda, é criado a pasto rotacionado. Nós plantamos capim Tifton, Tanzânia, Flora Kirk, Caribe e reformamos os piquetes, a cada 3 anos. A água que os animais bebem são tiradas de várias nascentes para reservatórios pintados de preto por dentro e por fora. "Ela deve ser morna porque água fria é veneno tanto para animais como para gente".

Dos animais importados já nasceu **Christmas**, na madrugada de 25 de dezembro, graças ao esforço de Sandra (es-

Foto: Arquivo



O primeiro Pardo Suíço Original nascido no Brasil.

cem. "O leite é todo deles que precisam crescer fortes". **Christmas** é um exemplo. Mama três vezes ao dia. A Alfafa só está lá para ele se acostumar com o seu cheiro. Aos dois meses, recebe sua primeira vacina e começa se alimentar com o volumoso seco, ao mesmo tempo que mama. "Isso até os 7 meses quando é desmamado".

"No campo", continua ele, "quando sentimos que o animal, por um motivo ou outro, não está atingindo o peso ideal, a gente complementa com concentrado. Porém, temos sido surpreendidos com algumas animais, como é o caso de **Fábula**, uma fêmea que estava sendo tratada especialmente para participar de uma exposição. Na exposição ela estava com 680 quilos. Quando voltou para o campo, em pouco tempo, passou para 720 quilos". O embrião de **Fábula**, transferido para uma barriga de aluguel, nasceu enquanto a Revista dos Criadores fazia a reportagem. É uma fêmea, ainda sem nome, que, em menos de uma hora, parecia um bezerro de mês.

Outra PSO, também fez sucesso: **Fabiana**, adquirida por Fernandes na ExpoLondrina foi leiloada, seis meses depois do seu nascimento, na Expocorte, por R\$ 48 mil.

O cuidado com o rebanho pode ser explicado pelo amor que Donizete tem

Foto: Carlos Goldgrub



Os reservatórios, pintados de preto por fora e por dentro, oferecem ao gado a melhor água da região.

contra carrapato numa área de 20 metros em volta do confinamento ou mesmo nos boxes onde a cama é mudada diariamente", continua.

Nesse meio tempo a aparência do animal muda. Ele deixa de ficar ofegante ou de suar e sua pelagem muda radicalmente. Em 60 dias, os seus pelos grossos e encaracolados ficam mais lisos e finos. "Como não sabemos mui-

posa de Donizete) e de suas filhas Amanda, Lívia e Anali, elas é que fizeram o parto do animal. "Quando voltei com o veterinário, ele teve apenas o trabalho de confirmar o peso do bezerrinho: 52 quilos. Este é o primeiro Pardo Suíço Original nascido no Brasil", fala ele orgulhoso.

Na Meira Fernandes, os bezerros não são afastados das mães quando nas-

Foto: Arquivo



Lívia e o pai apresentando Fábula, a doadora do embrião que resultou na novilha recém-nascida ao lado. A foto foi tirada após 1 hora de seu nascimento.

pela criação, mesmo antes de tê-la.

"Nasci no meio do gado, em Agissê, perto de Rancharia, SP. Fui criado em Buri. Em 69, me mudei para São Paulo onde estudei contabilidade. Então comprei uma escola e minha firma se especializou em contabilidade escolar. Mas, como criar animais está no sangue - meu bisavô já era fazendeiro e minha mãe conta ter nascido no curral enquanto minha avó tirava leite - resolvi comprar fazendas. No entanto, tocar a coisa empresarialmente, só há 20 anos, quando fiz sociedade com meu irmão, Celso Carlos Fernandes. Hoje, somos sócios em tudo, exceto nas esposas", brinca.

A origem e história do Pardo Suíço Original - Braunvieh

O Braunvieh, ou o Pardo-Suíço é uma das raças de corte mais antigas do planeta. Documentos comprovam que há 1.000 anos já existia uma criação no Convento de Einsiedeln, no Cantão de Schwyz, na Suíça Central. Por este motivo, ela também é conhecida como Schwyz. Naquela época, sua cor ainda não era o pardo uniforme, mundialmente conhecido. Ela foi sobrevivendo ao tempo, e no início do século XIX já podia ser encontrada em linhagens diferentes, que cruzando entre si formaram o padrão atual da raça. Por

ser um animal forte, ele conseguiu sobreviver às duras condições do meio ambiente local, principalmente, nos Alpes Suíços, e graças ao belo trabalho dos seus criadores se tornou respeitada e conhecida nos demais países da Europa.

Sua chegada, em outros continentes, aconteceu a partir de 1869, ano em que ocorreram as primeiras exportações para os Estados Unidos. Em 1897, foi fundada a Associação Suíça de Criadores de Braunvieh, que tinha como meta fazê-lo um animal de tripla aptidão: produção de leite, carne e que atendessem aos trabalhos de tração. E a meta foi atingida. O Braunvieh passou a ser conhecido como um animal de inúmeras características: versátil, robusto, de vida longa, com excelente fertilidade e ciclo reprodutivo. Seus membros fortes e cascos resistentes permitem uma maior procura por alimentos em regiões mais acidentadas. A pele é coberta por uma pelagem densa e parda e a pigmentação dos seus olhos, que varia entre o azul escuro e o negro, aumenta a tolerância à luminosidade.



Uma das maiores vantagens do Braunvieh, em todos os tempos, é certamente, sua dupla aptidão, o que sempre possibilitou uma maior competitividade no mercado, tanto de carne quanto de leite. Mas, no final dos anos 60, alguns criadores suíços, almejando um animal de estatura maior, começaram a se utilizar da genética americana do "Brown Swiss", um cruzamento absorvente de Braunvieh com raças leiteiras no seu rebanho puro. Quase todos os países também aderiram a esta realidade,

como foi a situação do Brasil - por isso, a utilização do Pardo Suíço, em nossos campos, basicamente para a pecuária leiteira. Alguns, porém, mantiveram-se fiéis às linhagens tradicionais e trabalharam o melhoramento do leite, através de uma seleção rigorosa dentro da própria Braunvieh, sem abrir mão, da aptidão para produzir carne.

Para diferenciar estas linhagens 100% sangue fechado, passaram a utilizar o adjetivo "Original".

Como também possui facilidade de adaptação, o Braunvieh pode, a princípio, ser criado em qualquer lugar. Ele se adapta bem em regiões de topografia acidentada, ambientes onde a alimentação é difícil, lugares úmidos ou secos e regiões tropicais e frias, podendo ser utilizado, em qualquer dessas áreas, para a produção de carne ou leite, ou de ambos, no cruzamento destinado somente para reprodução (onde ele sempre mostra sua docilidade e habilidade materna), no cruzamento com raças de corte, para aumentar a produção leiteira, sem prejuízo para a carne; no cruzamento industrial com o Zebu (para aumentar a quantidade de carne e leite), como também, só para cruzamentos com raças leiteiras (aumentando a produção de carne, sem prejudicar a leiteira). ♣

PRODUÇÃO DE NOVILHO SUPERPRECOCE EM BASES SÓLIDAS.



Rigorosa seleção genética, tecnologia avançada e acompanhamento do desenvolvimento de cada animal. Estes são ingredientes para a produção de novilho superprecoce, um sistema moderno que reduz a idade de abate para apenas 12 meses quando o peso de carcaça chega a 16,5 arrobas.

A Meira Fernandes Agropecuária é uma das pioneiras na obtenção de superprecoce no Brasil. Nesses 4 anos de dedicação à essa atividade, a empresa aprendeu muito e agora lança novas bases para ampliar a sua capacidade de produção e melhorar ainda mais a qualidade da carne dos animais confinados.

Para isso, está formando o maior rebanho Braunvieh (Pardo-Suíço) Original do País. Precocidade, habilidade materna inigualável entre as raças usadas para corte e altíssima conversão alimentar. Estas características da raça são transmitidas ao gado meio sangue resultante do cruzamento com o Nelore. O superprecoce é obtido por meio de nova cruz, desta vez com outra raça européia.

Com essa receita, a Meira Fernandes dá um novo passo em direção à pecuária moderna e espera encorajar mais empresas a investir na produção de superprecoce.



mf Agropecuária Ltda
meira fernandes

ESCRITÓRIO EM SÃO PAULO

Tel. (011) 6959 2466 - Fax (011) 6972 0454

E-mail: diretoria@meirafernandes.com.br





Mercado agrícola brasileiro retoma fôlego para os próximos anos

Pode-se afirmar, sem dúvida alguma, que hoje na agricultura brasileira não há mais espaço para aventureiros. Para garantir a produção e produtividade, empresários da área rural buscam as melhores tecnologias, principalmente, neste momento onde termômetros do setor mostram-se em alta. Sem deixar de evidenciar, é claro, que não é por falta de produtos que a atividade agrícola brasileira ficará na rabeira dos países chamados de primeiro mundo. Hoje, a indústria de maquinarias e implementos agrícolas, no Brasil, dispõe de um leque variado de opções, de padrão internacional.

Nos primórdios da Mecanização Agrícola, o artesão fabricante de ferramentas manuais e uns poucos implementos de tração animal, confun-

dia-se com o agricultor usuário desses mesmos utensílios. Viviam na mesma comunidade, onde as mudanças e inovações ocorriam muito lentamente. Hoje, embora ainda possam existir resquícios dessa estrutura, com pequenas vilas interioranas, sabe-se que a maior parte da maquinaria agrícola comercializada no país é produzida em grandes fábricas localizadas, principalmente, em São Paulo e Rio Grande do Sul.

Reconhecimento do mercado

"A agricultura brasileira, aos poucos, vem alcançando a maturidade que sempre mereceu", analisa o diretor-presidente da SLC-John Deere S.A., Eduardo Logemann, ressaltando que cada um dos integrantes do agro-

business brasileiro está fazendo a sua parte, inclusive o Governo Federal, que passou a valorizar o segmento como potencial fornecedor de alimentos para os mercados emergentes do Sudeste da Ásia, China e Índia.

Segundo Logemann, esses fatores contribuem para fixar o homem no campo e ajuda a equilibrar a balança de pagamentos com a exportação de grãos excedentes. Para ele, com a visão global, política agrícola séria, disponibilidade de crédito, produtores rurais seletivos em seus investimentos e produtividade em algumas regiões já semelhante aos melhores desempenhos mundiais", rapidamente o país elevará seu patamar de produção para 80, 90 ou mesmo 100 milhões de toneladas de grãos, refletin-

do com mais exatidão o potencial agrícola brasileiro”.

Um dos fatores que ajudaram a incentivar os negócios no mercado agrícola em 1997 foram os bons preços da safra do ano. Os negócios com tratores, plantadeiras e colheitadeiras movimentaram, no ano passado, cerca de R\$ 15 milhões, um valor significativo comparado ao registrado em 1996, considerado calamitoso pelos fabricantes. Em 96, o setor comercializou 10 mil tratores, contra 18 em 1995.

Feiras e exposições de maquinarias e implementos agrícolas, realizadas no ano passado, serviram como raio x para o mercado perceber o ânimo no segmento. A New Holland, por exemplo, faturou em uma só feira R\$ 5, 7 milhões, enquanto a Massey Ferguson somou R\$ 2,5 milhões. Para a SLC - John Deere S.A, as vendas de plantadeiras em uma exposição foram consideradas boas, segundo atesta Leonildo Bartholdy, supervisor da empresa. “Isso mostra que o agricultor está disposto a apostar no plantio”, analisa Bartholdy.

Na avaliação de Rasso von Reininghaus, diretor da New Holland, as vendas em 97 aqueceram um pouco em relação a 1996.

Mercosul

A partir do Mercosul, o mercado brasileiro tomou um novo fôlego. O acordo entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai contribuiu positivamente para a sobrevivência do setor de máquinas e implementos agrícolas.

Em razão da alíquota cobrada pela Argentina ter sido zerada, a indústria passou a vender seus produtos no atacado desse país 20% abaixo dos preços dos concorrentes.

É amplamente aceito o fato de que as inovações tecnológicas na maquinaria agrícola moderna têm gerado inúmeros benefícios, e principalmente que os fabricantes as tenham percebido, facilitando cada vez mais o trabalho de quem se utiliza dos seus produtos.



Trator Magnum modelo 8940, da Case IH-Agrícola



Cotton Picker 2555, colhedora de algodão, da Case IH-Agrícola

As expectativas para este ano parecem boas. De acordo com Gilberto Zago, gerente de Marketing da SLC - John Deere S.A, o objetivo da empresa, nos próximos dois anos, é manter um crescimento entre 10 e 15%, dependendo do desempenho da safra de grãos. “Neste sentido, o país não pode se contentar com a histórica marca de 80 milhões de toneladas colhidas, mas sim apostar em 90, 100 milhões e até mais milhões em toneladas a médio prazo”, finaliza.

SLC John Deere lança em fevereiro trator 6600 4x4

A SLC - John Deere S.A empresa que atua na fabricação de colheitadeiras, tratores e plantadeiras, acredita na retomada do crescimento no mercado de maquinaria e implementos agrícolas. Ela, que lançou os primeiros tratores da marca, em 96, já responde por 8% desse mercado e 45% de colheitadeiras.

As exportações completam a demanda produtiva da empresa. Há mais



Axial Flow-Combine 2166, colhedora de grão, da Case IH-Agrícola



Axial Flow-Combine 2188, colhedora de grão, da Case IH-Agrícola

de cinco anos ela é líder exportações de colheitadeiras brasileiras, passando a enviar máquinas para a Europa, com a mesma configuração básica dos modelos fabricados para o mercado brasileiro e latino-americano.

Para garantir a expectativa de crescimento, a SLC - John Deere conta com algumas alavancas. Uma delas é fundo de "commodities" no mercado internacional devido aos baixos estoques de grãos do mundo. O sucateamento da frota brasileira de

colheitadeiras e tratores também é fator de estímulos nas vendas, já que a produtividade depende da qualidade das máquinas que operam no campo.

Uma das grandes novidades que a empresa apresenta ao mercado este ano é o trator SLC - John Deere 6600 (4x4), agora também com a opção de ser equipado com a transmissão PowrQuad, até então um opcional apenas do SLC - John Deere 7500. A exclusiva transmissão John Deere PowrQuad possibilita melhor adequa-

ção de velocidades, com troca de marchas sem uso da embreagem, inclusive a reversão, através de uma alavanca independente.

De acordo com a afirmação do diretor comercial da empresa, Martin Mundstock, a nova versão de 6600 amplia o mix mercadológico da empresa, integrado pela linha de tratores de classe mundial SLC John Deere, composta por oito modelos. Para ele, será um novo nicho de mercado que passará a ser atendido dentro das necessidades específicas de culturas e propriedades rurais. O trator 6600 4x4 PowrQuad (opcional) estará disponível no mercado a partir de fevereiro.

União e desenvolvimento

A SLC John Deere é resultado da parceria entre SLC, pioneira (fabricou a primeira colheitadeira automotriz brasileira em 1965) e líder na mecanização agrícola do país, e a norte-americana Deere & Company, líder mundial em pesquisa e desenvolvimento e fabricação de máquinas para a agricultura. A empresa conta, atualmente, com 62 concessionários espalhados pelas principais regiões produtoras brasileiras, projetando para este ano atingir 80 lojas em sua rede.

Constituída em 1945, no Rio Grande do Sul, então denominada de Schneider Logemann e Cia. Ltda, firmou vínculo muito forte com a agricultura, fabricando ferramentas para uso na lavoura com a marca SLC.

Em 1947, passou a suprir as necessidades do mercado com a trilhadeiras SLC, proporcionando valiosa experiência e forjando sua tradição no segmento do trator. Em 1958, lançou uma colheitadeira rebocada que utilizava a força motriz do trator, um passo importante para a colheita mecanizada no Brasil.

Em 1982, a SLC - John Deere lançou as plantadeiras. Em 1989, começou a ser operada a Fábrica II da empresa, com 62.000 m² de área construída. Em 1996, foi inaugurada a Fábrica III, com mais de 20.000 m² de área construída. O atual parque industrial possui 98.000 m², constituindo-se na maior e mais moderna fábrica

ca de implementos agrícolas da América Latina.

New Holland oferece os primeiros tratores produzidos no Mercosul

A nova linha TL de tratores, as primeiras máquinas mundiais produzidas dentro do Mercosul, ampliou em 97, a oferta de produtos oferecidos pela rede de concessionárias da New Holland Latino-Americana. A nova linha TL é composta por cinco tratores que reúnem características para colocar o agricultor brasileiro em igualdade de condições com seus competidores internacionais.

A linha TL começou a ser esboçada em 1994, em clínicas realizadas juntos aos clientes da empresa na Europa e no Mercosul. As pesquisas usavam a renovação da linha de tratores New Holland de 65 a 100 cv. Para atender às novas exigências do mercado, os agricultores apontaram três pontos essenciais: desempenho em variadas utilizações, alta eficiência e baixos custos de produção.

"Essa série é resultado de um projeto verdadeiramente global", afirma Valentino Rizzioli, diretor superintendente da empresa para a América Latina. O projeto dos tratores TL levou em consideração as informações técnicas e experiências práticas das 18 fábricas da empresa espalhadas pelo mundo".

É esse forte sistema industrial que possibilita a internacionalização das linhas de produtos da New Holland, do qual a linha TL faz parte. Foram estas experiências somadas que possibilitaram a criação de um produto mundial aqui no Brasil", afirma Rizzioli.

A New Holland investiu US\$ 80 milhões no total da linha de tratores TL, sendo US\$ 60 milhões na ampliação e capacitação tecnológica da fábrica de Curitiba e outros US\$ 20 milhões no desenvolvimento do projeto.

A linha TL é formada por tratores de 65 cv a 100 cv que incorporam características e opções que só estavam disponíveis em equipamentos de maior potência. Produzidos para operarem sob qualquer condição e aplicação, os tratores TL possuem características básicas que os colocam pelo menos 10 anos à frente dos produtos disponíveis no mercado.



Mercados-chave

A holding New Holland N.V foi criada em 1991 quando a Ford New Holland foi adquirida pelo Grupo Fiat. Suas fábricas instaladas na América do Norte, Europa e América Latina produziram mais de 85 mil tratores agrícolas no ano passado. A New Holland participa em mercados-chave como Turquia, Paquistão, Índia, México, Japão e Romênia, através de joint ventures.

A estratégia internacional da New Holland é consolidar suas unidades industriais no mundo ao lado dos principais mercados consumidores. Atualmente, cerca de 1,5 milhão de máquinas New Holland estão em atividade em 150 países. A marca tem 22% das vendas mundiais.

Holding-americano

A New Holland está presente na América Latina com duas empresas - A New Holland Latino-Americana, que fabrica em Curitiba/PR, tratores e colheitadeiras, e a Fiat Allis Latino Americana, que produz máquina de movimentação de terra em Belo Horizonte/MG.

A empresa fabrica tratores agrícolas, colheitadeiras de grãos, colheitadeiras especiais, equipamentos de forragem, tratores de esteira, pás carregadeiras, escavadeiras hidráulicas, mini-escavadeiras, retroescavadeiras, motoniveladores, skid-steer loaders entre outros equipamentos de última geração. ♠

AERO-SOLO E FAZENDA PAU D'ALHO

O IMPLEMENTO CERTO PARA MELHOR PRODUÇÃO DE CAPINS

"Há dois anos utilizando o **AERO-SOLO**, garantindo maior disponibilidade de adubos e água-chuva, o que resultou no melhoramento das pastagens, aumento na produção de feno e mudas de gramíneas e bermudas que estou produzindo na Fazenda Pau D'Alho.

Além disso, o **AERO-SOLO** é o implemento que diminui a erosão, ajuda no arejamento do solo e aumenta a atividade de microorganismos, facilitando o crescimento das raízes para melhor alimentação das plantas.

As pessoas que visitam a Fazenda Pau D'Alho sempre recomendam o **AERO-SOLO**".

Carson. Z. Geld - Proprietário da Fazenda Pau D'Alho e produtor de gramíneas e bermudas.



AERO SOLO INDUSTRIAL LTDA.
Rua Bonsucesso 185, Matozinhos - MG
CEP 35720-000
Fone: (031) 712 3088
Fax: (031) 712 3212

No conceito de formação de pastagens, a diversificação é fundamental para um aproveitamento mais racional das variedades de gramíneas e bermudas são rústicas e podem ser utilizadas para qualquer tipo de animal desde equinos, carneiros e bovinos.



TIFTON 85 POI*

Variedade híbrida de produtividade superior, maior digestibilidade e resistência à cigarrinha. É considerada a melhor variedade lançada na USDA-ARS de Tifton, Georgia. Deve ser plantado usando mudas enraizadas.



FLORAKIRK POI*

Híbrido desenvolvido no Estado da Flórida, apresenta como características tolerância a solos úmidos. Variedade muito vigorosa, apresenta hastes médias e avermelhadas. Pega bem plantando os talos e estolões.

POI* - indica mudas originais que foram trazidas de Tifton - Georgia, Houston - Texas e Gainesville - Flórida, e multiplicadas na Faz. Pau D'Alho.

JIGGS POI*

Selecionado do estado do Texas, apresenta rusticidade de adaptação em solos de baixa fertilidade e apresenta resistência à seca. Possui talos finos sendo ótimo para fenação. Em testes produziu 20% a mais em produção de feno em comparação com outros capins Bermuda.

Plantando os estolões sua formação é muito mais rápida.



Santa G

FAZENDA PAU D'ALHO

Carson Z. Geld - C. P. 2 - Tietê - São Paulo
CEP 18530-000 - Telefax: (015) 282.2343
Rod. Marechal Rondon Km 153

A Fazenda Pau D'Alho é um dos poucos produtores de gramíneas e bermudas registradas e fiscalizadas pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo sob o nº

O drama dos com-terra

*Francisco Graziano

O problema agrário de São Paulo não reside nos "sem-terra". O grande drama da agricultura paulista é garantir a sobrevivência dos pequenos e médios agricultores. Esses, que são trabalhadores "com-terra", já produzem em seus sítios há 30 ou 50 anos, mas estão sucumbindo na competição do mundo moderno. Qual será o seu futuro?

Como propiciar seu avanço tecnológico, para aumentar a produtividade de seus negócios? Como adquirir qualidade para enfrentar os mercados atuais? Como manter a renda e o emprego no campo? Aqui estão os maiores desafios da agricultura paulista.

A base da produção rural é a pequena propriedade. Recente levantamento da Secretaria da Agricultura - o projeto Lupa - mostrou que existem em São Paulo 277.120 unidades rurais produtivas. Desse total, 207 mil são pequenos produtores, com menos de 50 hectares de área. Os médios agricultores, entre 50 e 200 hectares, somam outros 50,5 mil. No conjunto, eles significam 93% dos agricultores ocupando 42,5% da área agrícola. Sua área média é de 33 hectares.

Na outra ponta, apenas 96 grandes propriedades têm acima de 5 mil hectares. Algumas pertencem às usinas de açúcar, outras produzem soja, laranja ou estão ocupadas com gado. Muitas são áreas de reflorestamento. Representam, em geral, grandes empresas rurais produtivas.

Apenas 1,6% das terras de São Paulo estão inaproveitadas, sem uso. Outros 5,6% estão ocupados com pastagens pouco produtivas, abaixo de 0,5 cabeça por hectare. Essa ociosidade encontra-se, paradoxalmente, nas pequenas e médias propriedades rurais. Na maioria, advêm de pastagens existentes nas regiões montanhosas do Estado, principalmente no Vale do Paraíba e no Sudoeste.

Ao contrário do que muitos pensam, não tem havido concentração da propriedade rural em São Paulo. Em 1950, segundo o IBGE, a área média dos estabelecimentos rurais era de 85,8 hectares. Trinta anos depois, em 1980, tinha caído para 73,8 hectares. Hoje, segundo o Lupa, a área média se mantém em 73 hectares.

O problema agrário de São Paulo não é o acesso à terra, nem à terra improdutiva. A reforma agrária tradicional, distributivista, já aconteceu por aqui. Agora o problema é outro. A questão agrária atual reside na massa de pequenos e médios agricultores que ocupam a terra há anos, mas estão se empobrecendo vivendo mal, desanimados. Quase esquecidos.

O grande gargalo encontra-se no crédito rural: apenas 14,7% dos agricultores paulistas têm acesso aos financiamentos rurais. Entre os menores de 50 hectares, somente 12,3% recebem créditos para produzir. Na agricultura, como o ciclo de produção é longo, desde o plantio até a colheita, a "alavancagem" financeira é fundamental. Mas isto não está ocorrendo. Como introduzir novas tecnologias?

A assistência técnica continua precária: 39% dos agricultores paulistas, principalmente agrônomo e veterinários, no auxílio da produção. Das 108 mil propriedades que tocam

seus negócios por conta própria, 93% têm menos de 50 hectares. Falta educação também: 83% dos pequenos agricultores não têm nenhuma educação formal.

A análise detalhada da agricultura paulista permite comprovar que já existe uma base de produção suficiente para o desenvolvimento rural. Existe conhecimento tecnológico disponível. Há estradas, armazenagem, energia elétrica. A modernização está avançada: basta dizer que a área média cultivada por trator é de 38,6% hectares, o que é elevado. Para comparação: nos EUA esse índice é de 27 hectares/trator.

Esse potencial de produção, entretanto, ficou comprometido com o abandono a que foi submetida a agricultura brasileira nos últimos 15 anos. Ao descaso oficial juntou-se o efeito negativo da inflação elevada, que desestimulou os investimentos em tecnologia. As máquinas foram ficando obsoletas. A agricultura foi se enfraquecendo.

Está na hora de reverter essa situação, impulsionando um novo ciclo de crescimento da agricultura. Dinamizar os agronegócios faz aumentar as exportações, gerando divisas para o país. Produzir alimentos, criar empregos, gerar renda no interior. Fortalecer o campo significa melhorar a cidade.

Nessa retomada, o pequeno e o médio agricultor precisam ocupar o lugar central. Para tanto, sua organização é fundamental. Mas cabe às políticas públicas, por meio de subsídios claros e bem definidos, promover seu desenvolvimento. Representam em todo o país, 4,5 milhões de famílias, todas de trabalhadores "com-terra". É mais coerente mantê-los no campo do que cuidar deles na cidade.

Quem pensar que esse raciocínio é anti-histórico, compartilhando a idéia neoliberal do desparecimento inexorável da pequena propriedade, de cuidado. Isso é tão equivocado quanto imaginar que os latifúndios ainda dominam em São Paulo. Ambas são idéias superadas.▼

*Francisco Graziano é secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Gir Leiteiro

Peça fundamental para o aumento da produção leiteira no país

Embriões de fêmeas Gir Leiteiro serão transferidos para ventres de aluguel e espalhados em diversas propriedades do Brasil. A expectativa é de que no ano 2.000 as novas matrizes já estejam produzindo de 15 a 20 litros de leite/dia. Uma solução para um grave problema: a produção mínima atual de 2 litros/vaca/dia.



Entre as diversas raças leiteiras existentes no Brasil, o Gir Leiteiro, por suas infinitas qualidades foi escolhido para participar de um projeto pioneiro - o Gir ano 2.000, que tem por objetivo aumentar, nos próximos anos, a produção de leite nacional, é o que anuncia Dirceu Borges, presidente da Nova Índia Genética, empresa sediada em Uberaba, MG, e considerada como uma das mais importantes centrais de reprodução animal de todo mundo.

O objetivo dessa campanha, desenvolvida pela Nova Índia, em conjunto com o Centro de Pesquisas do Gado Tropical da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, conta com o apoio da ABCZ - Associação

Brasileira dos Criadores de Zebu e da ABCGIL - Associação Brasileira de Criadores de Gir Leiteiro. "Entendemos que este projeto é de grande interesse para a pecuária de leite, principalmente porque ele vai melhorar a vida do pequeno produ-

tor. Ele terá, sempre o nosso apoio irrestrito", fala José Henrique Bruschi, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e responsável pelo controle andrológico dos reprodutores, inseminação artificial e a coordenação técnica do projeto propriamente dita.

A intenção do **Gir ano 2.000** é de mudar, radicalmente, o quadro da produção leiteira atual. "Mesmo com o aumento do consumo de leite, impulsionado pelo crescimento de renda da população e pelo aparecimento de produtos lácteos modernos, a saída do mercado brasileiro tem sido o de importar, ao invés de incentivar a nossa produção leiteira que, lamentavelmente, continua incrivelmente baixa", comenta Dirceu Borges.

E para a Nova Índia, uma das razões dessa baixa produtividade é a falta de um direcionamento seguro na utilização das vacas produtoras, pelo pequeno e médio produtor - a grande maioria dos criadores de gado leiteiro no país. Na concepção de Dirceu Borges, é necessário levar em conta três princípios básicos: a escolha da raça certa, o manejo correto dos animais e, também, que seja observada, rigorosamente, a sanidade do animal e das pessoas responsáveis pelo seu manejo.

Ele comenta ainda, que o criador acaba se utilizando de todos os tipos de cruzamentos, em busca de quantidade, na vã tentativa de que o choque de sangue provocado lhe traga uma maior produção de leite. "Cruzam-se raças europeias entre si, touros europeus com vacas tropicais e o resultado obtido, na maioria dos currais, é um gado sem muita definição, de todas as cores e tipos, produzindo pouco, e o que é

pioor, sem dar esperança aos criadores de uma luz no final do túnel".

Mas como é que vai ser o processo que pretende transformar o Gir na base do rebanho nacional de gado de leite? "A Nova Índia está recebendo dos criadores, em regime de parceria, vacas Gir Leiteiro, de alta qualidade, com produção acima de 5 mil quilos de lactação e que tenham todas as características da raça. Essas matrizes são submetidas ao processo de fertilização *in vitro* e transferência embrionária e os embriões resultantes, serão comercializados a preços compatíveis com o setor leiteiro do Brasil. O pequeno produtor de leite terá condições financeiras de comprar uma vaca comum gestando um embrião de alto potencial para produção de leite", responde Bruschi.

Toda a parte de melhoramento animal, inserida no **Gir ano 2.000** vai ser executada pela equipe da Embrapa Gado de Leite, liderada pelos Drs. Mário Luiz Martinez e Rui da Silva Verneque. A parte de fertilização *in vitro* e transferência

embrionária deverá ser feita pelas equipes da Nova Índia e da Embrapa Cenargem, liderada pelo Dr. Roldolfo Rumpf.

"Nossa expectativa é de que na virada do século estes animais estejam produzindo, a pasto, de 15 a 20 litros de leite por dia, número bem superior a média atual que é de 2 litros/dia, a mesma de 100 anos atrás", comenta Dirceu Borges. Os tourinhos puros, por sua vez, também terão seu papel. "Eles serão testados e direcionados para garantir o "up-grade" de nosso rebanho leiteiro", brinca ele, utilizando-se do linguajar de informática.

Ainda para o primeiro semestre de 98, a Nova Índia e a Embrapa anunciam o início do projeto utilizando tecnologia de última ponta, fecundação *in vitro*, equipamentos necessários e o pessoal técnico qualificado para realizar esse trabalho. "Acredito que já tenhamos dado os passos necessários para estabelecer o projeto. A primeira etapa, que resultou na assinatura dos convênios entre a Embrapa e a Nova Índia, já foi vencida. Agora estamos na fase da redução do projeto e capacitação de recursos. Dentro em breve ele estará em vigor", afirma Bruschi, confiante.

Por que o Gir Leiteiro?

Para não correr riscos de estar focalizando a atenção dos produtores para uma raça que não atendesse aos objetivos de Programa, a Nova Índia e a Embrapa estudaram, a fundo, qual a raça que poderia dar o retorno esperado. "Visualizamos, então, que para um programa grande como o nosso, seria necessário um animal resistente, sem dificuldade de adaptação a qualquer região brasileira e que fosse, principalmente,



bom produtor de leite. A vaca Gir tem tudo isso, e mais: é meiga, dócil, boa mãe chegando a produzir tanto leite quanto as melhores raças européias, sem a necessidade de manejos especiais. Se tiver pasto bom, ela nos surpreende rapidamente podendo produzir, em média, 20 litros/dia, sem qualquer esforço extra do criador. Sem contar que ela aguenta bem o calor de nossas terras e as doenças dos trópicos", salienta Dirceu Borges.

"O Gir Leiteiro foi criado com esta finalidade mesmo. Não existe outra raça melhor", complementa ele. "A vaca sagrada é uma dádiva da Índia para o nosso país e durante muitos anos nós não nos percebemos disso. Ela veio para produzir leite no Brasil tropical, e infelizmente esta finalidade foi deixada em segundo plano".

No Brasil, os criadores de Uberaba - hoje a capital do Zebu, foram os primeiros a apostar na aptidão leiteira do Gir. E não foi apenas nesta ocasião que eles foram pioneiros. "Quando os uberabenses se viram em dificuldades para criar gado europeu, eles tiveram a audácia de ir até a Índia e trazer o gado Zebu, de grande excelência para a pecuária brasileira. Hoje temos o Nelore brasileiro, como o melhor do mundo, o Guzará, apropriado para vencer os rigores dos trópicos e o Gir, seguramente a melhor raça tropical de leite que existe", ressalta Dirceu.

O Gir ano 2.000 já conta com o apoio de vários criadores de Norte a Sul do país, que em algumas décadas, conseguiram formar um rebanho com vacas de altíssima qualidade genética e com produção comprova-

da de até 11.000 quilos de leite por ano. Eles formaram a ABCGIL, continuam selecionando animais e firmaram parceria com a Embrapa para a realização do teste de progênie. "Os filhos das melhores vacas, participantes deste teste, são levados para as Centrais, como doadores de sêmen, que é congelado e distribuído a mais de 100 fazendas cooperadoras, onde são produzidas as filhas desses



toiros. A produção de leite dessas filhas, avaliada pela Embrapa, indica os touros que apresentam maior capacidade de transmitir características leiteiras para suas filhas. Depois ele é disponibilizado ao mercado e utilizado intensamente", explica Bruschi.

Nesta avaliação, são indicados os melhores touros, ou seja, os que transmitem maior capacidade leiteira às suas filhas, que são usados nos rebanhos pelo Brasil. Com isso, tem-se conseguido altos índices de melhoramento genético. "Em determinados casos, a produção supera os 11 mil kgs de leite por lactação e vacas que produzem de 30 a 40 litros de leite por dia".

Mesmo assim, calcula-se que no Brasil, existem apenas 350 vacas Gir Leiteiro, o que as tornam matrizes geneticamente especiais. "Por isso o nosso esforço para aumentar este nú-

mero rapidamente para 10, 20, 50 mil cabeças", salienta Dirceu Borges que, para isso, conta com o apoio integral de Flávio Perez, diretor da ABCGIL.

A vaca sagrada no Brasil

No início do século, criadores brasileiros não podiam contar com um rebanho de excelente qualidade. O que havia aqui era apenas animais amestiçados de raças européias, trazidos pelos colonizadores, em processo degenerativo, mal chegando aos 400 quilos de peso vivo.

"O Zebu, com todo seu vigor e musculatura de animal de terceiro mundo, não lhes parecia um animal confiável para se criar em fazenda e ser uma opção econômica. Ele não era apenas desconhecido por aqui, como tinha também uma infinidade de inimigos e combatentes, que chegavam a classificar o odor de sua carne ao da capivara. Alguns diziam até que as vacas Zebu não tinham leite suficiente para criar seus filhos. Mas graças ao trabalho de pioneiros que se aperceberam das reais vantagens deste animal, o Zebu chegou ao Brasil para ficar e hoje, temos o maior rebanho comercial do mundo, com cerca de 150.000.000 de cabeças", conta Dirceu.

"O progresso almejado para o mercado produtor de leite no Brasil não será obra do acaso. Vai existir graças a um trabalho intenso em prol de um melhoramento genético de extrema importância, não apenas para nosso país, mas para a humanidade. O Gir Leiteiro é uma raça apurada que faz jus à nossa escolha. Ela pode transformar-se na resposta para os problemas do pequeno e médio criador. Só precisamos cuidar bem desse patrimônio genético socializando sua disseminação. Por isso o Programa Gir Ano 2000", finaliza. ♡

*Para que esta
cena continue
sempre
acontecendo..*



*...é
fundamental
uma bezerra
bem criada !*

BOVIPRIMA é um concentrado para fabricação de rações para bezerros e bezerras a partir da primeira semana de vida.

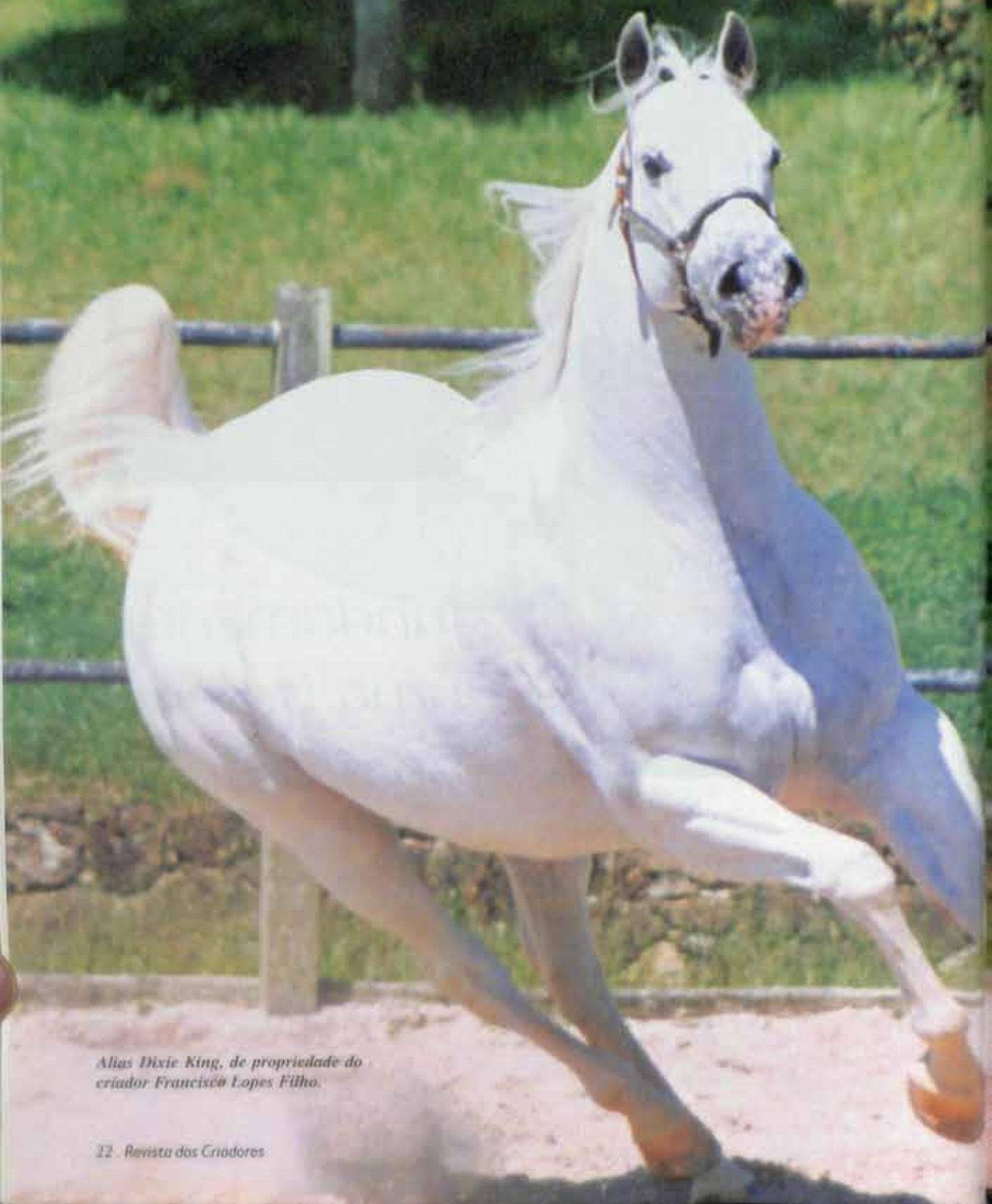
Formulado com fontes proteicas e energéticas, vitaminas, minerais e outros aditivos nobres, **BOVIPRIMA** proporciona aos animais jovens um crescimento vigoroso, preparando-os para ter uma ótima produção e reprodução na fase adulta.



0800.116262

<http://www.tortuga.com.br>

APPALOOSA: BINÔMIO



Alias Dixie King, de propriedade do criador Francisco Lopes Filho.

BELEZA E TRABALHO

Senhoras e senhores, bem-vindo ao mundo do cavalo Appaloosa!, um dos mais belos equinos do mundo, que se diferencia das demais raças pela sua excepcional pelagem. Conhecido dos filmes de banguê-banguê, como o cavalo pintado, ele é um dos mais antigos que a espécie humana conhece e sinônimo de velocidade, com capacidade para viajar longas distâncias, principalmente, em terrenos acidentados. A herança do Appaloosa tem uma história fantástica, colorida e especial, como a sua pelagem.

Ideal para Conformação e Trabalho o Appaloosa tem em média 1,55 m de altura e peso que varia de 400 a 580 quilos. Além dos cascos "vincados" o seu grande diferencial é mesmo a sua pelagem. São sete tipos diferentes: o manta, leopardo, manta com pintas, nevado, nevado mantado, nevado com pintas e tapado. O mantado é um dos tipos mais procurados porque parece que o cavaleiro jogou uma manta pintada nas ancas do animal. Mas todos são bonitos. Sua cabeça é pequena e bem colocada, tem perfil reto, orelhas bem pontudas e olhos grandes, com a esclera branca, bem óbvia, em volta da córnea dos olhos, como a dos humanos.

Herança Colorida

Dados históricos comprovam que o Appaloosa existe desde os tempos pré-históricos, quando as geleiras faziam parte do cenário e os seres huma-



nos viviam em cavernas. Tanto é que, historiadores já encontraram pinturas rupestres com imagens de cavalos pintados, datadas de 20 mil anos a.C. Outro exemplo da participação do



Appaloosa na história encontra-se na arte milenar chinesa e da Ásia. Por volta de 100 aC eles eram oferecidos como tributo aos conquistadores, graças a seu valor e beleza. Isto mostra que a preferência por este animal vem de muito longe.

Na Europa, os cavalos pintados apareceram em diversas épocas. Os famosos *Epizzaners horses*, conhecidos por suas habilidades em apresentar complexos passos de quase dança ensinados pela Escola de Equitação Espanhola em Viena, normalmente exibiam pintas antes mesmo do século XVI.

Na América, os espanhóis foram os primeiros a introduzir este cavalo que se espalhou através do continente, e, por volta de 1.700 passou a servir de



montaria para os índios Nez Perce transformando-se em parte integrante de suas vidas. Com os índios eles desenvolveram a habilidade em terrenos montanhosos, velocidade, e força.

Quando se perguntava como era chamado aquele cavalo pintado encontrado junto ao rio Pelous, dizia-se "This is a Palouse" que, da corruptela Appaloosey, passou, finalmente, a ser chamado de Appaloosa.

A relação entre estes animais e os índios foi intensa e próspera até o ano de 1880 quando os Nez Perce perderam a guerra contra a cavalaria americana, após longa batalha e fuga por 1.300 milhas de terreno rochoso e acidentado. A raça quase que se extinguiu. Mas, em 1938, com a formação do Appaloosa Horse Club, criadores e índios começaram a reunir os remanescentes da raça utilizando-se das mesmas técnicas dos Nez Perce, sempre com o objetivo de preservar, desenvolver e padronizar a raça.

A partir de então, ele passou a ser encontrado, principalmente, nos Estados americanos de Washington e de Idaho, hoje, especialistas em seleção dos melhores Appaloosas para a reprodução. O Appaloosa Horse Club, com sede em Moscow, cidade de Idaho, nos EUA, é um dos mais destacados centros internacionais de registro dos cavalos Appaloosa com mais de meio milhão de animais registrados.

O Appaloosa no Brasil

Em terras brasileiras, o cavalo pintado chegou, pelas mãos do criador Carlos Raul Consone, e a exemplo dos Estados Unidos, fez muito sucesso por aqui. Somando um plantel com 20 mil animais, eles estão em maior número nas regiões Sul e Sudeste, mas com tendência a expandirem-se para outros Estados brasileiros, como o Maranhão e Pará.

Este crescimento tem sido notado pelo aumento do número de criadores e os bons preços obtidos em Leilões. Um Appaloosa alcança tranquilamente o valor de R\$ 5 mil. A Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Appaloosa, com sede em São Paulo, conta, atualmente, com 700 sócios.

Nos últimos anos, a ABCCA tem desenvolvido um excelente trabalho, realizando vários eventos para maior disseminação da raça. São o Congresso Panamericano, que acontece sempre no mês de junho e o Campeonato Nacional, em etapa única, no mês de novembro. "Temos tido sucesso absoluto, conseguindo reunir criadores do Brasil inteiro", fala Valdelzir Oliveira, que durante 10 anos participou da diretoria da Associação, sendo agora membro do Conselho de Administração. "No Campeonato Nacional, realizado em novembro passado, batemos recorde de inscrições e prêmios. Foram mais de 800 inscrições com premiações extras de 12 motos para cavalos inéditos. "Ele está seguro de que este sucesso será ainda maior em 98".

Na visão dos associados, o padrão obtido pela raça Appaloosa, no Brasil, tem qualidade tão excelente, que se pode mesmo até concorrer com criatórios estrangeiros. "Certamente, levaremos vantagem, no que diz respeito ao percentual de animais pintados, que aqui, é bem superior aos níveis internacionais. Este é um trabalho resultante do regulamento do Stud Book Brasileiro, que proibiu durante anos o cruzamento, entre si, de animais que não fossem pintados", explica Valdelzir.

Conformação ou Trabalho?

Sobre a criação brasileira, ainda existe um impasse grande. Muitos criadores defendem a idéia de que o animal de Conformação não serve para o Trabalho. É este tabu, que Valdelzir e outros criadores querem desmistificar. "Um cavalo que não seja bom de Conformação não serve para o Trabalho", fala ele. "É a Conformação que gera o animal de trabalho", diz veemente o criador paranaense Francisco Lopes Filho, que complementa: "No meu criatório mesmo, já fiz vários animais de Conformação e excelentes para o Trabalho".

"Evidentemente, temos exceções, como acontece até entre os humanos. Um bom exemplo foi o caso de Garrinha, no futebol - um homem desprovido de inteligência, mas que com as pernas tortas foi um craque", diz Valdelzir, que continua: "Já ouvi muito criador dizer que animal bonito não pode ser utilizado para trabalho. Recentemente, escutei um comentário de um criador muito influente na raça, que dizia ter conseguido, após 10 anos de criação, o seu primeiro cavalo de Trabalho. Fiquei indignado. Se ele tivesse comprado matrizes boas em conformação, ele teria conseguido tal resultado já no primeiro ano", explica.

Segundo Valdelzir a tese de que o Appaloosa serve para as duas categorias já está mais do que provada. "No cavalo de Conformação se busca todas as características ideais para a funcionalidade, entre as quais podemos citar: o chanfro reto da cabeça e a boa formação de narinas, que proporcionam uma melhor capacidade respiratória. A posição e o formato dos olhos busca uma boa visão do animal, o que reforça sua habilidade para o trabalho. O pescoço delgado, com boa implantação no tronco, dá flexibilidade aos seus movimentos e o seu porte físico, com musculatura homogênea, o torna mais competitivo. No último Campeonato Nacional, tivemos animais de linhagens de Conformação, que ganharam competições em Rédeas, alguns deles filhos de garanhão do nosso Haras. Para que a raça cresça mais, só é preciso que todos apostem nesta realidade".

HARAS PAIOL

Os olhos do criador Francisco Lopes chegaram a brilhar quando perguntado sobre sua criação de cavalos Appaloosa. E qualquer indagação é sempre respondida com um largo sorriso nos lábios. Um sorriso de um criador dedicado. "Sou um apaixonado pelos meus animais", conta ele.

Essa paixão por equinos vem de muito longe. Nascido em Andará, interior do Paraná, ele, já aos 6 anos de idade não perdia umas boas montarias ao lado de seu avô, um espanhol também amante de cavalos. Quando não podia ver os animais de perto, Francisco Lopes passava horas e horas assistindo aos filmes de velho-oeste, onde o "mocinho" vencia o bandido, montado em um cavalo pintado. E assim ele dava asas a sua imaginação: um dia teria um cavalo igual.

Francisco Lopes Filho cresceu, estudou, se formou, mas nunca abandonou o seu sonho e, em 1986, comprou o seu primeiro exemplar de Appaloosa, a égua Nasha Comanche. Ela foi a primeira de outras dezenas de animais que hoje compõe o plantel do criador, muito bem cuidado no Haras Paiol Grande, localizado na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo e adquirido em 1987. "Comprei esta propriedade, já com uma pequena criação de PSI, e então, em 1989, coloquei meus primeiros animais Appaloosa", fala ele.

Cinco anos depois da primeira compra, o Haras Paiol Grande já estava em pistas de exposição, em todo o Brasil. "Em 94 mesmo, fizemos uma reservada Campeã Nacional, além de títulos com outros produtos", conta.

De lá pra cá, Chico Lopes, como é chamado pelos amigos, vem selecionando e aprimorando a raça. "A

DE - A ETERNA PAIXÃO PELO CAVALO PINTADO



Ima U be Two

escolha por Appaloosa foi influenciada pelos filmes americanos, mas teve também uma base muito sólida em pesquisas, estudos e conversas com outros criadores". Hoje, o seu criatório é composto de 16 matrizes, todas de linhagem americana e filhas de reprodutores campeões americanos, entre elas, três grandes campeãs nacionais da raça no Brasil: **Alias Dixie King**, (foto), **SDB Moonstruck**, campeã Nacional e **Spiders Wonders**, esta última, campeã mundial americana de Western Pleasure e produziu dois filhos grandes campeões da raça.

O orgulho do seu criatório se chama **Ima U be Two**, um garanhão importado dos Estados Unidos, e que hoje é o principal reprodutor do Paiol Grande. Colecionador de vários títulos, **Ima** já foi Campeão Potro Americano, na Flórida, Estados Unidos e em 1990, ganhou o prêmio de Grande Campeão da Raça, nos EUA. "Ele tem vários filhos campeões em modalidade de conformação e trabalho", fala **Ima U be Two**, não recebe aplausos só de seu dono. Em visita ao Brasil, Minter Reed Humphreys, renomado juiz americano do Appaloosa Horse Club fez a seguinte declaração sobre sua performance: "Este cavalo é um dos Appaloosas mais bonitos que já

vi em toda a minha vida... cabeça perfeita... conformação excelente".

Nos mesmos passos de **Ima**, está indo o potro **Impressive Bonanz**, filho de um campeão mundial americano. Em 97, no último Campeonato Nacional, foi eleito campeão de pelagem e, por isso, e por outras qualidades à toda prova, está sendo preparado para o ser o futuro garanhão do Paiol Grande. Certamente, mais um motivo de orgulho para Chico.

Como todo apaixonado, ele acompanha bem de perto, sua criação. Nos finais de semana ele sai de São Paulo onde reside com sua família e segue para Ibiúna. "Descobri a cura para todos os problemas da cidade grande: os cavalos. No Haras, esqueço de todas as tensões do dia-dia. Cavalo faz bem pra saúde e pro espírito. Ele cura qualquer estresse", diz emocionado.

A vida associativa é outro prazer,

"Fui tesoureiro, sou vice-presidente financeiro e trabalhei na área de marketing da ABCCA". Francisco Lopes também foi o responsável pela criação do cartão de crédito afinidade Bradesco Visã Appaloosa, um diferencial que tem feito muito sucesso entre os criadores. "Ele trouxe benefícios para a raça, que passou a ser mais divulgada", explica.

Segundo Chico Lopes, o objetivo de sua criação foi sempre fazer animais de qualidades para comercializar o melhor - "cada potro é vendido entre 1 e 2 anos", fala. Para isso, ele conta com a ajuda de quatro dedicados funcionários, sem falar no apoio da família. Todos ani-

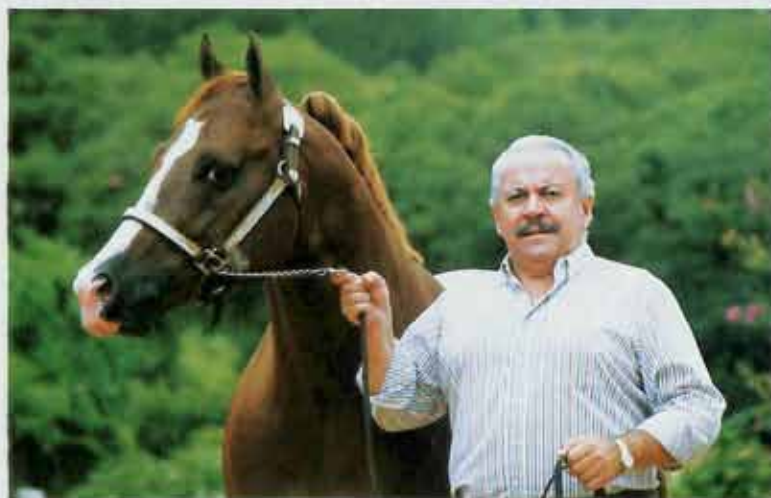


A égua Alias e sua primeira cria, Royal Alias.

mais do Haras Paiol Grande são de pista e cocheira. E a presença de animais mais do que selecionados, faz com que o Haras de Chico Lopes já tenha o seu futuro garantido. Mesmo assim, ele não descansa. Quer investir ainda mais em novas linhagem sanguíneas.

Com certeza, logo, logo, nascerão, no Haras, futuros campeões da raça. Quando perguntado qual a receita do seu sucesso Chico Lopes responde: "Faço o que o americano faz, que é apostar em sangue novo".

HARAS MURCAS: UMA CRIAÇÃO QUE PASSA DE GERAÇÃO A GERAÇÃO



Valdezir de Oliveira Carvalho apresentando Mighty Misty Lee, orgulhoso proprietário do Haras Murcas, ele participa intensamente de todo o processo de criação.

Quando decidiu criar Appaloosa, o executivo do mercado financeiro, Valdezir de Oliveira não imaginava que ele preencheria todos os minutos do seu dia-a-dia, ao ponto de acelerar a mudança dele com sua família, para São Roque, cidade do interior de São Paulo, onde está localizado o seu Haras, batizado de **Murcas**, em homenagem aos seus dois filhos adolescentes, Murilo e Cassiano, que seguindo os mesmos passos do pai, já entendem tudo sobre a raça e acompanham, de perto, a criação.

"Crio Appaloosa há 12 anos. No começo era apenas um hobby, já que minhas atividades estavam todas voltadas para o sobe e desce do mercado financeiro paulista. Mas nos primeiros anos já estava totalmente apaixonado", conta.

Embora Valdezir tenha se preocupado, durante toda a nossa entrevista, em nos fornecer informações sobre o criatório nacional, conseguimos através do gerente do Haras, Vanderlei Antônio Terçone saber que o Haras Mur-

cas logo no primeiro ano de existência importou três animais: **Zero's Sky Diver**, campeão americano e grande campeão da raça no Brasil, reprodutor de vários campeões nacionais; **Design's By Lady**, grande campeão da raça no Brasil, tendo produzido **By Misty Lee**, também grande campeã da raça e **Lone Star Lady**, que conquistou o título de campeã pan-americana de Western Pleasure.

A partir daí, foram ao todo, 62 animais importados, escolhidos pessoalmente por Valdezir. Nas pistas, o Haras Murcas conquistou inúmeros Campeonatos Nacionais e Pan-Americanos e vários Grandes Campeonatos Nacionais. Tanto que, as nove taças transitórias das etapas do Campeonato Nacional Appaloosa, que de acordo com o regulamento, deveriam ficar definitivamente com quem ganhasse três anos consecutivos, ou cinco alternados, pertencem hoje a grande galeria de troféus do Haras Murcas.

Para ajudar, com o manejo dos ani-

mais, Valdezir conta com a dedicação de sete funcionários, entre eles, "Luizinho", que se emociona toda vez que um animal se machuca. Após um acidente o veterinário constatou que um dos animais - o potro **Gold Misty Lee** estava morto. Luizinho não se conformou e de tanto sacudi-lo fez com que ele se reanimasse. "Hoje, graças à Luizinho, **Gold Misty Lee** está em plena convalescência".

Atualmente, o Murcas está como um plantel de 85 animais e conta com os garanhões **Mister Mystic** - campeão mundial, **Mac Impressive Lee**, bicampeão pan-americano e tri-campeão nacional e **Exocet Nezpearce**, linhagem de corrida, que tem produzido filhos leopardos até mesmo com éguas QM e PSI.

Entre as inúmeras vantagens que vê no Appaloosa, Valdezir cita a sua extrema liquidez, mesmo em épocas difíceis. "Ninguém para de vender Appaloosa, principalmente se for pintado. Vende como pãozinho", garante.



Cassiano, de 14 anos, montando o cavalo Exocet Nezpearce, produtor de filhas leopardos

Foto: Alvaro Miya



Mister Mystic, campeão mundial é um dos destaques do Haras Murcas

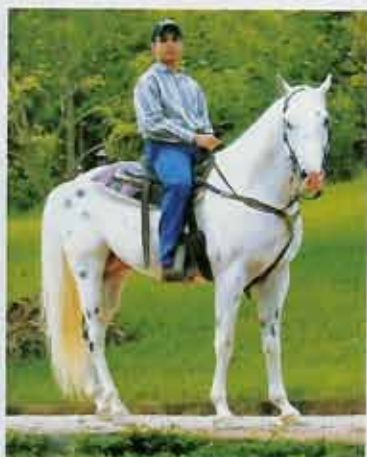
“É evidente que os números mudaram. Hoje, não criamos cavalos esperando ganhar dinheiro. Investimos por pura paixão. Quando alguém se interessa por equinos, vai levar em conta sua mansidão, sua disposição, a liquidez, a beleza, e tudo isto está no Appaloosa. Ele é forte, se presta a todo tipo de prova além de ser mais bonito do que as outras raças”, salienta.

Outro proveito que se pode tirar dessa raça é o seu cruzamento com o Quarto de Milha e o PSI, que resulta num animal de trabalho com confor-

mação e de extrema velocidade. “O animal Appaloosa tem predominância genética, sempre. Quando cruzamos uma égua Quarto de Milha com um garanhão Appaloosa, certamente o potro, produto desta cruzada, será um puro Appaloosa”, explica. Segundo Valdelzir, o cruzamento tem sido um grande atrativo para os compradores. Por isso a dificuldade de se fazer leilões de elite da raça. “Vende-se tudo no próprio Haras. Não dá tempo de organizar um evento. A procura é muito grande”. O Murcas por exemplo, começou a vender pra região de São Paulo e agora vende para o no Brasil inteiro, até no Maranhão.

Atuante há 10 anos na ABCCA, Valdelzir já foi presidente e garante que sempre vai estar defendendo o

mação e de extrema velocidade. “O animal Appaloosa tem predominância genética, sempre. Quando cruzamos uma égua Quarto de Milha com um garanhão Appaloosa, certamente o potro, produto desta cruzada, será um puro



Murilo, de 18 anos, montando o belo Mac Impressive Lee.

Appaloosa. “Se alguém pensa em fazer investimentos com cavalos, achando que é um grande negócio, desista. Muito dinheiro é ilusão. Ele não traz mais lucros como antigamente, mas certamente é uma atividade apaixonante, que você só vai encontrar alegrias. O cavalo une a família. Ele é amigo e as pessoas aprendem muito com eles. Nestes 15 anos de dedicação, nunca escutei comentários de pessoas envolvidas com drogas ou coisa parecida. É outra mentalidade. O cowboy tem uma vida saudável e é isso que quero para os meus filhos”. No mais, Valdelzir deixa um recado: “Quem quiser e puder investir em cavalos, deve ter. Mas que seja um Appaloosa que, para mim, é sinônimo de beleza”.



*Appaloosas
para todos os gostos
preços e funções*

Haras Murcas

(011) 425-5241 / 425-5958

a 45 min. de São Paulo

São Roque - SP



HARAS LAUCIN - UMA CRIAÇÃO BASEADA

Não fica difícil advinhar quando um criador se dedica, de corpo e alma, à sua criação. E é assim, que podemos falar do casal Calil Iared Neto e Néli Cristini Iared. Criadores de Appaloosa, desde 1993, eles são proprietários do **Haras Laucin**, localizado na cidade de Itapetininga, SP - passagem obrigatória para quem quer adquirir animais de excelente qualidade. Mas Calil confessa que o namoro com o Appaloosa começou mesmo em 1991.

Ele conta que sempre teve vontade de investir em criação, mas não queria nenhuma que, no final, significasse ter que matar animais. "Por isso preferi apostar em eqüinos - um animal criado para ficar sempre mais bonito, que nasce, cresce e permanece com a gente ou com outros até sua morte natural". A escolha por Appaloosa não foi difícil de se fazer. "Dentre todas as raças, ela é certamente a mais dócil e a que possui a pelagem mais bonita", fala.

E beleza é o que se vê no seu plantel, que por ano, mantém uma média de 30 animais, todos nascidos no Brasil, mas filhos de importados. O plantel fixo conta com cinco éguas Quarto de Milha e 10 Appaloosas, entre elas campeãs ou produtoras de campeões), que são manejados por quatro funcionários e, sob a supervisão de seu sogro, Sr. Luis Antônio Oliveira, que se dedica de corpo e alma a esta atividade, responsáveis diretos para que o Haras Laucin se tornasse um colecionador de títulos.

Em pouco tempo de criação e participações em campeonatos, ele se destacou por sua criteriosa seleção, ob-



Foto: Avram Maya

Sunday Night WLMJ, Grande Campeã Nacional da raça Appaloosa, em 97.

tendo gratos resultados, tais como: conquistas de vários primeiros lugares, reservados grandes campeonatos e grandes campeonatos em etapas paulistas, nacionais, congresso pan-americano e potro do futuro.

Entre os animais premiados do Haras Laucin estão as fêmeas, **Sunday Night WLMJ** (foto), que com dois anos de idade, sagrou-se Grande Cam-

peã Nacional da raça Appaloosa, em 97, e **Exhibit Diver Lee**, Campeã Nacional, e Paulista. Entre os machos são destaque **Cutty Sark WLMJ**, Reservado Campeão Nacional, em 97/98, na categoria de um ano e campeão do primeiro Futurity Horse Show. "O grande destaque de nossa criação, em 97, foi **Zero's Thunder L.C.**, Campeão Nacional de Rédeas da raça Appaloosa e

MODERNIDADE

Campeão do Super Stakes da Associação Nacional do Cavallo de Rédeas (ANCR)", conta ele orgulhoso.

"Procuo fazer cruzamento para atingir beleza e funcionalidade", explica. "A proposta do nosso Haras é a de sempre fazer animais bonitos e funcionais. Não me interessa o contrário", fala Calil.

"1997 foi mais um ano de felizes resultados para nós", afirma Calil. "Nossos animais destacaram-se em várias modalidades de trabalho e na categoria de Conformação, conseguimos o prêmio de melhor expositor nacional da raça Appaloosa 97/98". Em todas vitórias a família Iared conta com a ajuda imprescindível do treinador Luciano Beretta, que prepara todos os animais que participam de exposições.

A fórmula do sucesso merecido é facilmente explicada pelo criador: "Ao nosso entender, isto é fruto de muita dedicação, estudo da raça, participação nos acontecimentos nacionais e internacionais, auto crítica severa, boas parcerias e a busca constante de qualidade e modernidade do plantel", fala. Aliás, esta é a palavra chave no Haras Laucin. "Para nós, cavalo é sinônimo de modernidade e por isso procuramos sempre matrizes e garanhões com esta característica".

No caso da família Iared o Appaloosa conquistou a todos. "Desde minha mulher, os três filhos, pais, sogro e sogra. Cada um participa de alguma forma". Seu filho mais velho Fábio, já mostra suas habilidades com o cavalo e aos 15 anos conquistou, como apresentador, títulos de campeão Pan-Americano, Campeão Nacional e Grande Campeão na categoria Amadora. Seus dois filhos menores, Eduardo e William Luiz também já se preparam para apresentar, futuramente, os animais. Sua esposa Neli, é a responsável pela parte de pesquisa de linhagens genéticas. "Ela é meu braço direito e está sempre estudando os

prováveis cruzamentos da raça e a alimentação adequada dos animais. Regularmente, ela viaja aos Estados Unidos e volta com as últimas novidades, para melhorar ainda mais nossa criação. Calil conta que

Neli é tão dedicada ao Appaloosa que certa vez, ela chegava ao Haras quando notou de longe o nascimento de um potro. "Ela não teve dúvida. Saltou do carro em movimento e saiu correndo para presenciar de perto a chegada de mais um produto", conta ele satisfeito.

É ao que parece o Appaloosa nunca deixará de ter a preferência da família. "Hoje, temos a certeza que fizemos a opção certa em termos de raça, pois além de ganharmos inúmeros e bons amigos, o cavalo Appaloosa vem



Fabio Iared, 15 anos, apresenta a campeã nacional Exhibit Diver Lee e o potro filho de The Best Mr. Jaco.

se destacando pela sua beleza ímpar, docilidade e versatilidade, apresentando um mercado forte e rentável. Nossa meta é sempre continuar investindo nele, pois o retorno certamente é garantido", diz ele.

Pedido pela nossa reportagem para definir o Appaloosa em uma única frase Calil não teve dificuldades. "Ele é um animal ímpar. Não existe outro igual. Cada um é diferente do outro. Por isso o nascimento de nossos animais é sempre acompanhado de muita emoção", conclui ele. ♡

Os sete tipos de Appaloosa

- **Manta** - Cavalo que tem uma área, sem limite, branca sólida, normalmente nas ancas, como o contraste de uma cor básica.
- **Leopardo** - Cavalo que tem várias pintas sobre a pelagem básica, normalmente, castanha ou alazã.
- **Manta com pintas** - Cavalo com mantas brancas e que tem pintas dentro do branco. Normalmente, elas são da mesma cor básica do animal.
- **Nevado** - Um cavalo que exhibe uma área maior sobre a testa, quexada, ossos frontais da cabeça, sobre o dorso, lombo e ancas. Também traz partes mais escuras adiante dos ossos frontais da cabeça, assim como nos membros, soldra, acima do olho, ponta da anca e atrás do curvilhão. Sem a manta ou pintas características do Appaloosa, um cavalo com essas características precisará ter a pele mosqueada para obter o registro normal.
- **Nevado mantado** - Cavalo com padrão nevado, consistindo de pelos claros e escuros em determinada parte do corpo. Normalmente, a manta encobre parte das áreas, porém sem limites.
- **Nevado com pintas** - Appaloosa com manta, que tem pintas brancas ou pretas dentro de uma área.
- **Tupado** - diferencia-se por uma cor básica, porém sem um contraste na forma de pelagem. Este cavalo precisa ter a pele mosqueada, característica para ter seu registro regularizado. ♡



Você reconhece a *marca* da inovação?



A inovação em saúde animal tem um novo nome: Merial. A Merial é resultado da fusão das áreas de saúde animal e genética avícola da Merck & Co., Inc., criadora do IVOMEC, e Rhône-Poulenc, presente no Brasil como Rhodia Merieux. Merial é a maior empresa do mundo totalmente voltada à pesquisa e inovação em vacinas e produtos farmacêuticos veterinários. Nossa missão: descobrir novos produtos que melhorem o desempenho e a saúde dos animais, valorizando as atividades de veterinários, produtores rurais e proprietários de animais de lazer e companhia em todo o mundo.

MERIAL. A FORÇA DA INOVAÇÃO.

A resistência dos bovinos e o controle do carrapato *Boophilus microplus*

* Cecília José Veríssimo



O carrapato que parasita os bovinos, *Boophilus microplus*, é uma espécie que utiliza um só hospedeiro em seu ciclo evolutivo e que apresenta duas fases: a fase de vida livre, que se desenvolve no solo e a fase parasitária, no corpo do animal. O ciclo de vida parasitária do macho e da fêmea possui três fases: larva, ninfa e adulto, todas elas transcorrendo no mesmo animal.

Após a eclosão das larvas na pastagem, elas sobem no capim e têm um comportamento gregário, ficam

emboladas, umas nas outras, formando um bolo de larvas. Quando pressentem a aproximação de um bovino (através do odor característico e pelo calor do corpo emitido por este, CO₂ e vibração do ar) tomam uma posição de alerta: apoiam-se na vegetação com dois pares de patas e agitam o par dianteiro em movimento de braçadas. Assim que elas tocam a pele do animal, tendem a se dispersar, atingindo em poucas horas todas as regiões do corpo do bovino.

Pesquisadores australianos (SU-

THIRST et al. 1986) observaram que, dependendo da concentração de larvas no bolo no capim, o bovino é capaz de perceber, possivelmente através do sentido da visão, sua presença na pastagem, afastando-se do local e desse modo evitando a infestação.

Boophilus microplus é um carrapato originário da Ásia, tendo sido introduzido na maioria dos países tropicais e subtropicais, por meio de importação de gado proveniente desse continente. Na Europa esta espécie de carrapato não é encontrada, pois é adaptado às condições tropicais.

As raças zebuínas (exemplo: Nelore, Gir, Guzerá, Sindhi) têm sua origem na Ásia e na África, países da faixa tropical. O convívio milenar que o gado zebu teve com esta espécie de carrapato produziu um perfeito equilíbrio entre parasito-hospedeiro, uma vez que a infestação nesses animais é mínima, não causando nenhum prejuízo à sua saúde. Já, bovinos de origem européia, não tiveram tempo suficiente para se adaptar e chegar a um equilíbrio entre hospedeiro-parasito, de modo que, nesses animais a infestação é tão intensa que chega a ser fatal.

Prejuízos causados pelo carrapato

O carrapato pode causar mortalidade, perda de peso, menor produção leiteira e transmissão de doenças fatais aos bovinos como a anaplasmoze e babesiose, causadoras da tristeza parasitária bovina (TPB). A fase do carrapato mais prejudicial ao bovino é a fase adulta, quando a fêmea está se alimentando de sangue. Dependendo do número de teleóginas (fêmeas repletas de sangue, prontas para se destacarem da pele do hospedeiro, cair ao solo e depositar seus ovos) o bovino sofre conseqüências como esfoliação sanguínea e intoxicação, devido à substâncias que a fêmea regurgita no hospedeiro no momento da alimentação. Como animais zebuínas não permitem que um número grande de teleóginas permaneça em seu corpo, os prejuízos são mínimos ou nenhum. Já animais europeus que não têm boa capacidade para controlar o número de

parasitos, podem ter uma infestação tão grande, capaz de provocar a morte do animal. Pesquisadores acreditam que de 20 a 25 carrapatos (fêmeas com tamanho superior a 4,5mm encontradas em todo um lado do animal) não causam nenhum problema para a saúde do bovino e essa infestação é suficiente para manter a estabilidade enzoótica com a TPB.

FURLONG (1997) constatou que médias diárias de até 30 teleóginas por animal (contagem em um dos lados) não afetou a produção leiteira de vacas susceptíveis bem alimentadas.

Mecanismos de resistência do hospedeiro

São vários os mecanismos de defesa do bovino em relação ao carrapato. Os zebuínos têm uma maior sensibilidade e mobilidade na pele para se defenderem de ectoparasitos (parasitos externos) e podem perceber até mesmo o caminhar da larva sobre sua pele.

O mecanismo de defesa principal, aquele que define se um animal é resistente e o outro suscetível, é o mecanismo de imunidade humoral, de hipersensibilidade imediata à fixação da larva do carrapato (uma reação alérgica provocada pela picada da larva). Os animais resistentes reagem a toda e qualquer larva que os esteja incomodando, coçando o local onde a larva está tentando se fixar, com a língua, "comendo" literalmente a larva que o teria provocado. A ação de auto-limpeza (lambadura) é, portanto, a principal arma de defesa dos bovinos contra o carrapato. E em relação a isso outras características tais como aspereza da língua e flexibilidade (capacidade de se coçar com a língua em qualquer parte do corpo como por exemplo a base da cauda, períneo, etc) são igualmente importantes.

O número de mastócitos na pele do hospedeiro parece ser um elemento de fundamental importância no processo da auto-limpeza, visto que pesquisadores nacionais (SARTOR, 1990, MORAES et al. 1992) verificaram que animais de raças zebuínas possuem o dobro do número de mastócitos na pele do que animais de

raças de origem européia.

Mastócitos são células derivadas da medula óssea e residentes em todos os tecidos do organismo. Podem ser diferenciados em duas categorias os de mucosa e os de tecido conjuntivo. Essas células participam de vários fenômenos mórbidos como as reações de hipersensibilidade e outras reações orgânicas contra infestações parasitárias. Mastócitos, sensibilizados pelo complexo formado da reação do antígeno liberado pela larva do carrapato com o anticorpo específico do hospedeiro liberam rapidamente histamina e serotonina, além de outras substâncias tidas como potentes mediadores do processo inflamatório. A histamina causa uma irritação na pele, provocando coceira. Além disso, parece ter um efeito negativo direto sobre a larva do carrapato, pois dos vários mediadores farmacológicos liberados no processo inflamatório, ela é a única capaz de fazer com que parte das larvas pare de se alimentar e se destaque da pele do hospedeiro. Essa reação inflamatória que acontece no local de fixação é importante para a alimentação da larva que se nutre de linfa, extravasada durante a reação.

Animais europeus têm uma menor sensibilidade à fixação da larva na pele, exercendo uma menor ação de auto-limpeza, de modo que, as larvas têm maior sucesso em completar o ciclo parasitário, chegando até a fase de teleóquina.

O tempo decorrido entre a fase de larva até teleóquina, tem duração média de 21 dias. É um tempo bastante longo que permite uma série de outras reações imunológicas do hospedeiro (imunidade celular). Essas outras respostas imunológicas levam, não só à continuidade da ação de auto-limpeza, e conseqüente diminuição do número de fêmeas que se ingurgitam, como também interferem na alimentação destas (a teleóquina alimenta-se de sangue do animal, expoliando-o), prejudicando-a, o que se reflete no menor peso e tamanho alcançado por ela.

Além da raça do animal, fatores tais como idade, estação do ano, nutrição, gestação e lactação podem afetar a re-

sistência dos bovinos ao carrapato. Na idade de 8 a 12 meses os bezerros ficam mais suscetíveis; durante a estação do outono no sudeste e sul do país a resistência ao carrapato diminui em animais mestiços e europeus; nutrição deficiente e estresse afetam a resistência dos bovinos ao carrapato, diminuindo-a. Alguns autores verificaram que vacas em lactação e no terço final da gestação tiveram mais carrapatos que vacas secas ou no início da gestação. Quanto mais susceptível o animal, maiores são os efeitos destes fatores em sua resistência. Um animal resistente continuará resistente, independente da situação em que se encontre, o mesmo não acontecendo com um animal mestiço, cuja resistência ao carrapato pode se alterar de acordo com os fatores citados acima.

A resistência do hospedeiro e o controle do carrapato

Nos animais zebuínos, além do número de teleóginas ser muito reduzido, as poucas que conseguem escapar da ação de auto-limpeza atingem um tamanho menor, conseqüentemente, põem menos ovos, o que por sua vez, resultará em um menor número de larvas. Esse fato, concorre positivamente para o controle efetivo do carrapato no pasto.

Trabalhos australianos que compararam animais situados em pastos distintos e que apresentavam diferentes níveis de resistência ao carrapato verificaram uma diminuição drástica no número de parasitos nos pastos onde estavam os animais resistentes (WILKINSON, 1962 e SUTHERST *et al.* 1979).

WHARTON *et al.* (1969), comparando três sistemas de controle do carrapato: descanso do pasto, banhos estratégicos e animais resistentes, verificaram que esta última forma de controle foi a mais vantajosa em termos de controle do carrapato e economia de carrapaticida. Não houve diferença significativa entre os três tratamentos quanto ao ganho de peso dos animais. Os autores verificaram que foram necessários menos banhos carrapaticidas em animais suscetíveis que pastavam

junto com animais resistentes, quando comparados a animais suscetíveis sozinhos no mesmo pasto.

Gado Zebu, resistente; gado Europeu, suscetível

A capacidade que os zebuínos têm de resistir à infestação pelo carrapato é herdada, ou seja, passa através das gerações, havendo citações na literatura de estimativa de herdabilidade de até 82%, medida em populações de gado mestiço F_1 e F_2 europeu x Zebu. (SEIFERT, 1971), valor este considerado muito alto.

Pesquisa conduzida no Brasil, pela equipe que trabalha com melhoramento genético animal da EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa em Gado de Leite (CNPGL), comparou o grau de resistência ao carrapato em animais de 6 graus de sangue Holandês Vermelho e Branco x Guzerá. Os resultados obtidos (Tabela 1) indicaram claramente que, à medida em que se aumentava a porcentagem de genótipo da raça europeia, a suscetibilidade ao carrapato aumentava numa proporção quase que geométrica. Os autores (LEMOS et al. 1985) não encontraram efeito significativo do efeito de heterose e sim, do efeito aditivo, indicando a presença de importante efeito genético aditivo na infestação por carrapatos. O efeito aditivo é a parte genética que é passada às gerações seguintes, portanto, é o que interessa do ponto de vista de melhoramento animal.



Gado Zebu

período de 1977 a 1982 a proporção de fazendas de gado de corte com animais puros ou mestiços resistente ao carrapato, como principal raça, cresceu de 47,8% a 60% naquele país.

No Brasil, o problema do controle do carrapato na pecuária de corte está resolvido, uma vez que nossa pecuária é constituída, basicamente, de animais zebuínos ou mestiços, destacando-se o Nelore, uma das raças mais resistentes do mundo a esse parasito (VERÍSSIMO, 1993). O problema se agrava quando o produtor cria raças de origem europeia, como é o caso dos Estados do sul do Brasil, onde grande parte dos produtores criam raças como Hereford,

lizadas na produção leiteira são de origem europeia.

RENDEL (1982) comenta ser difícil a produção de leite nas regiões tropicais, utilizando gado de origem europeia, sugerindo três alternativas: cruzamentos rotativos entre raças europeias e indianas; formação de uma nova raça que reúna as características de produção de leite e rusticidade; melhoramento de raças zebuínas ou nativas para a produção leiteira.

A opção de cruzamentos rotativos foi estudada pela EMBRAPA, CNPGL, chegando-se à conclusão que a primeira geração, oriunda do cruzamento entre zebu e europeu (F_1), daria o melhor retorno ao produtor de leite em condições tropicais, tanto em baixo como em alto nível de manejo (MADALENA et al., 1990 a e b). LEMOS et al. (1985) demonstraram que esses animais tinham elevado nível de resistência ao carrapato.

O objetivo de formar uma nova raça leiteira tropical, rústica e produtiva, foi tentado diversas vezes por diferentes órgãos de pesquisa estaduais, nacionais ou estrangeiros, ou ainda pela iniciativa privada, porém, sem sucesso.

Já, o melhoramento de raças zebuínas para a produção leiteira, vem dando bons resultados. Existem vários plantéis de seleção do gado Gir para a produção leiteira, alguns com vacas

Categoria animal	Fração genética HVB (Holandês Vermelho e Branco)					
	1/4	1/2	5/8	3/4	7/8	HVB
Novilhas	44	71	151	223	282	501
Vacas	7	19	31	64	62	97

Fonte: LEMOS et al., 1985

Tabela - Número de carrapatos em vacas e novilhas mestiças Holandês Vermelho e Branco x Guzerá, de acordo com a fração genética HVB

Seleção e criação de animais resistentes

Na Austrália, programas de incentivo à criação de gado zebuino, ou mestiço, foram feitos junto a pecuaristas, como forma de combate ao carrapato bovino (POWELL, 1982). ELDER et al. (1985) relataram que no

Aberdeen Angus, Charolês, etc. Também existem problemas com carrapato em propriedades que criam bovinos de corte oriundos de cruzamento industrial (mestiços $1/2$ ou $3/4$ europeu x zebu).

Na pecuária leiteira, porém, o problema do controle do carrapato é grave e constante, já que as raças especia-

que chegam a produzir mais de 5.000 kg de leite por lactação. Sêmen de touros Gir de comprovada aptidão leiteira já estão disponíveis em Centrais de Inseminação Artificial no Brasil.

UTECH & WHARTON (1982) comentam que para aumentar rapidamente o nível de resistência do rebanho ao carrapato basta efetuar o cruzamento com touros zebrus.

O rebanho da raça Australian Milking Zebu (Zebu x Jersey) era selecionado para a produção de leite, tolerância ao calor e resistência ao carrapato. Verificou-se que o número de carrapatos decresceu significativamente



Gado Europeu

de 1973 a 1980, sendo a seleção feita apenas na linha masculina. Houve aumento de 2% ao ano na resistência da população e se mantidas essas taxas de ganho, os bovinos mestiços se tornariam tão resistentes quanto o zebu no prazo de 20 anos. HEWETSON (1981) concluiu, então, que é possível aumentar a resistência ao carrapato em mestiços (europeu x zebu) através de seleção, e que o progresso genético estimado, teoricamente, pode ser al-

cançado na prática.

Na raça Australian Friesian Sahiwal (zebu x Holandês) a seleção para resistência ao carrapato foi feita apenas em touros, sendo exigida uma resistência mínima de 98% para o registro dos reprodutores, bem como, para sua entrada nos testes de progênie. De 1978 a 1983, o nível médio de resistência de touros testados aumentou de 98,0 para 99,1% (ALEXANDER *et al.* 1983).

Conclusões

Atualmente, o assunto que mais tem preocupado os pesquisadores em carrapato no Brasil é a resistência, também de caráter genético, que esses carrapatos vêm adquirindo aos carrapaticidas convencionais. As indústrias químicas estão sempre à procura de uma molécula que substitua a anterior que já não faz mais efeito. Mas até quando isto será possível? A descoberta de novos produtos é um processo caro, que torna o abastecimento incerto e cada vez mais oneroso ao produtor.

A criação de animais resistentes ao carrapato é a forma mais econômica (menor gasto com carrapaticida, medicamentos, mortalidade, não há quebra de produção), ecológica (não polui o meio ambiente e nem intoxica o homem e o animal) e eficiente (diminuição efetiva da população) que existe para o controle do carrapato.

A meu ver, raças mestiças de gado

de corte, como por exemplo, Canchim, Ibagé, Santa Gertrudis, além da raça de origem nacional, Caracu, deveriam ser monitoradas quanto à resistência ao carrapato e selecionadas para essa característica de grande importância econômica. Já, em relação ao gado leiteiro, estudos (GOMES 1992 e GUARAGNA *et al.* 1993) sugerem que a seleção para resistência ao carrapato prejudicaria a produção leiteira, o que desaconselha a seleção para esta característica em bovinos leiteiros, devendo ser utilizadas outras formas de controle desse parasito nesses animais, tais como, o uso estratégico de carrapaticida, vacina contra carrapato, descanso de pasto e controle biológico do carrapato. Porém, aqueles produtores que possuem rebanho mestiço leiteiro (ex: Girolanda) ou de corte (cruzamento industrial) podem e devem aproveitar a resistência que os bovinos apresentam ao carrapato, podendo, nestes casos, utilizar o controle seletivo: aplicar o carrapaticida somente nos mais infestados, aqueles que apresentarem uma infestação superior a 30 carrapatos (fêmeas de tamanho superior a 0,5cm em todo um lado do animal). Esta prática de manejo além de ser mais econômica (menor número de animais que vão receber o carrapaticida), retarda o aparecimento de carrapatos resistentes ao produto que está sendo usado na propriedade, devido à menor pressão de seleção que se exerce sobre o parasito.saúde.✦

* Cecília José Veríssimo
Instituto de Zootecnia C.P. 60,
13.460-000-Nova Odessa-SP fone
(019) 466-7410 fax: (019) 466-6409

Livre-se da mosca-dos-chifres com apenas 2 aplicações por ano.

Neocidol® B

O brinco que não brinca em serviço.



NOVARTIS

(011) 532-7332



O controle da mosca-dos-chifres

* Técnicos da Novartis

A mosca-dos-chifres, um dos parasitos mais prejudiciais em todo o mundo (Europa, Austrália, EUA, Canadá), causa sérias perdas à pecuária leiteira e de corte. Foi identificada em nosso país pela primeira vez em Roraima (1976/77), porém sua viagem numo ao Brasil começou em 1885, quando foi introduzida nos EUA. Em 1896 alcançava o Caribe, chegando à América do Sul em 1937 (Colômbia e Venezuela) e, somente 40 anos mais tarde, foi identificada no Brasil.

Para que se perceba a magnitude dos prejuízos causados pela mosca-dos-chifres e o problema que ela representa, é necessário conhecê-la um pouco.

A mosca-dos-chifres (*Haematobia irritans*) é um inseto pequeno metade de uma mosca doméstica, hematófago, que pica constantemente o hospedeiro (24 a 38 vezes/dia), ocasionando, além da perda sangüínea (7 ml por mosca por ano), dor, desconforto e irritação dos animais. O estresse provocado pelas dolorosas picadas é a principal causa de prejuízo, pois o animal deixa de se alimentar e ao mesmo tempo gasta muita energia movimentando-se continuamente numa tentativa desesperada de livrar-se das moscas. A disseminação de doenças (anaplasmose, carbúnculo, leucose, etc) representa outro risco de prejuízos causados pela mosca-dos-chifres. Um quarto fator que implica em prejuízos associados à esse parasito é representado pelos tratamentos cada vez mais constantes e ineficazes, que demanda movimentação excessiva e estressante dos animais, além de intensa utilização da mão de obra, que poderia ser destinada à outras atividades.

Seu ciclo biológico é rápido, levando, em média, 12 dias de ovo a ovo. Assim, de 9 a 13 dias após a postura, novas moscas adultas jovens estarão procurando um hospedeiro, acasalando-se já nos primeiros 3 dias de alimentação e dando continuidade ao ciclo. Cada fêmea em torno de 120 novas moscas!

Os meses mais quentes e úmidos oferecem condições ótimas para a mosca-dos-chifres se desenvolver. Por esse motivo, os meses de janeiro a maio e de setembro a dezembro são os que apresentam as infestações mais eleva-



das, gerando prejuízos econômicos consideráveis.

Controle

Vários métodos têm sido utilizados para combater a mosca-dos-chifres. O controle biológico com o uso do besouro "rola-bosta", por exemplo, não apresentou resultados satisfatórios, em parte devido ao uso intenso de endectocidas, cuja eliminação pelas fezes impede o desenvolvimento do besouro. O método químico através de pulverização, *pour on* ou imersão com piretróides, que vinham sendo utilizados com ótimos resultados, já não traz resultados satisfatórios, e em várias regiões já se observa a completa resistência da mosca a esse princípio ativo. Apesar de esperada, a resistência aos piretróides poderia ser retardada se o uso dos produtos fosse mais criterioso (tratamento no momento adequado, uso correto dos produtos e, principalmente, se fossem evitados as formulações *pour on* "ca-seiras", improvisadas nas fazendas).

Solução

O quadro de resistência aos piretróides que ora se observa no Brasil já ocorreu há muitos anos nos países do hemisfério norte e também na Austrália. Em todos esses países, a solução encontrada para o controle foi o Diazinon, princípio ativo que até hoje produz um excelente efeito no controle da mosca-dos-chifres.

Inovação

Dentro desse contexto, a Novartis Saúde Animal, trouxe o que há de mais eficiente no controle desse parasito: o Neocidol B, um brinco impregnado com Diazinon que alia a eficiência desse prin-

cípio ativo com a facilidade do uso dos brincos, e que em apenas duas aplicações por ano mantém os animais livres da mosca (inclusive as resistentes aos piretróides), assegurando máxima produtividade aos rebanhos. Aplicado em ambas as orelhas, o Neocidol B libera lentamente o Diazinon, que se dispersa ao longo do corpo dos animais mantendo-os protegidos mesmo durante períodos chuvosos.

Produtividade

Inúmeros trabalhos científicos realizados em todo o mundo relatam ganhos de produtividade extremamente significativos. Em termos de produção leiteira, são reportados produção adicional de 0,5 a 1,0 kg de leite por vaca/dia. Com relação ao ganho de peso, estudos internacionais mostram ganhos consistentes, sendo que o mais importante deles foi realizado no ano de 1992/93 na Austrália, sob a supervisão do Queensland Dep. Of Primary Industries, onde 40.000 animais brincados, observados durante um ano em 340 propriedades diferentes, e acompanhados até o abate, apresentaram em média peso 27 kg maior do que os animais não protegidos pelo brinco.

Quando usar

Como a incidência da mosca a nível de dano basicamente em período chuvoso, recomenda-se duas aplicações dos brincos: uma no primeiro quadrimestre e outra no último quadrimestre. No inverno, devido ao clima normalmente mais seco e frio, ocorrendo baixa incidência de parasito, não há necessidade do uso dos brincos.

Quando retirar

A proteção eficaz, com liberação adequada do princípio ativo, ocorre durante quatro meses. Após esse período, recomenda-se a retirada dos brincos, pois a possibilidade de liberação de concentrações sub-letais do princípio ativo produz induzir à resistência. Afinal, as opções de controle estão ficando cada vez mais restritas, por isso é fundamental zelar para que esta opção possa ser usada por muitos anos ainda.

Linfadenite Tuberculóide em suínos: o que pode ser feito para seu controle

*Nelson Moraes, Virgínia Santiago Silva e Valéria Dutra

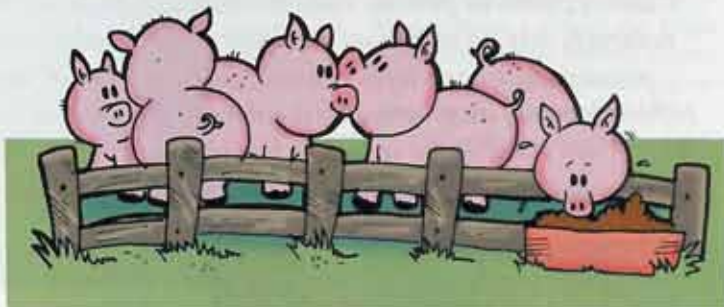
A linfadenite tuberculóide dos suínos, também conhecida por "linfadenite", é causada por microbactérias atípicas, principalmente aquelas pertencentes ao Complexo *Mycobacterium-avium-intracellulare* (MAI). A doença é de evolução crônica, não afeta o desenvolvimento dos suínos, mas provoca lesões de necrose caseosa com calcificação, envolvendo predominantemente os linfonodos da cabeça e intestino. Essas lesões, geralmente, são detectadas pelo Serviço de Inspeção por ocasião do abate e podem ser motivo de condenação ou destino condicionado das carcaças, ocasionando prejuízo tanto para o produtor como para a indústria.

Fontes de infecção

As possíveis fontes de microbactérias atípicas que podem introduzir ou manter a infecção nos rebanhos suínos são:

- Água;
- Aves domésticas ou selvagens com acesso às instalações dos suínos, à fábrica de ração e ao depósito de maravalha ou serragem;
- Serragem ou maravalha usadas como cama para os suínos;
- Suínos infectados introduzidos no rebanho;
- Alimento contaminado, especialmente quando sobras de ração de aves são fornecidas aos suínos;
- Solo contaminado.

Após a contaminação dos suínos, que ocorre por via oral, as microbactérias invadem os linfonodos do trato digestivo, onde se multiplicam e desenvolvem lesões que, geralmente, ficam limitadas a esses linfonodos. Uma vez infectados, os suínos eliminam as microbactérias pelas fezes, com maior intensidade entre 35 e 42 dias após a infecção, contaminando o ambiente e



servindo de fonte de infecção a outros animais.

As microbactérias são extremamente resistentes ao álcool, aos ácidos, à dissecação e a muitos desinfetantes. Entretanto, são destruídas pelo calor a 65,6° C por 10 minutos. Os desinfetantes com maior ação microbicida sobre essas bactérias são aqueles a base de hipoclorito de sódio, aldeídos e fenóis.

Principais medidas de controle

O sucesso de um esquema de controle da linfadenite tuberculóide, num rebanho suíno infectado, dependerá da correta identificação e eliminação da fonte de infecção e do cumprimento de medidas higiênicas-sanitárias básicas no sentido de reduzir as possibilidades de ingestão de microbactérias. A simples tuberculização dos reprodutores, com tuberculina bovina e aviária, eliminando os animais positivos, não garantirá o controle da doença. Nesse contexto, as principais medidas a serem tomadas são:

- Utilizar o sistema de produção em lotes, com vazio sanitário, principalmente nas fases de maternidade e creche;
- Nas desinfecções, usar desinfetantes com ação microbicida sobre as microbactérias (hipoclorito de sódio, aldeídos ou fenóis);
- Usar somente cama de boa qualidade que tenha sido armazenada adequadamente, tanto na fábrica como na granja;

- Limpar e desinfetar com hipoclorito de sódio as caixas de água, uma vez a cada 3 meses;

- Tomar todas as providências para que o alimento e água dos suínos não sejam contaminados com fezes;

- Não fornecer aos suínos sobras de alimento de outras espécies animais;

- Fazer limpeza das baias pelo menos duas vezes ao dia para reduzir o contato dos suínos com as fezes;

- Impedir a entrada de aves domésticas e selvagens e outros animais nas instalações dos suínos, fábrica e depósito de ração e ingredientes e depósitos de maravalha;

- Para reposição do plantel, somente introduzir animais oriundos de rebanhos com atestado negativo para tuberculina bovina e aviária;

- Evitar a superlotação nas baias: creche, máximo de 3 leitões por m² e terminação, máximo de 1 suíno por m²;

- Fazer controle de roedores (ratos e camundongos);

- Afugentar rotineiramente pássaros silvestres das instalações dos suínos e da fábrica de rações.

Para informações adicionais consulte a Área de Comunicação Empresarial da Embrapa Suínos e Aves (049) 442-8555.

* Nelson Moraes é médico veterinário da Embrapa Suínos e Aves, Virgínia Santiago Silva e Valéria Dutra são médicas veterinárias da ACCS.

Reflorestamento: o caminho para uma vida melhor

Cada vez mais as pessoas estão se conscientizando da importância de se preservar a natureza, seja no campo ou na cidade. Preocupados com o futuro de nossas árvores, pecuaristas e Associações Rurais, em todo o Brasil, lançaram uma campanha de reflorestamento de propriedades, que está, inclusive, melhorando a criação do gado de corte. Uma consciência ecológica que veio para ficar e que está mudando a cabeça dos proprietários rurais. Afinal com a presença do verde, até os lucros são maiores.



Defender o planeta em que habitamos, para alguns, pode se sinonimo de modismo, ou até mesmo um discurso político, sem fundamentos. Afinal, diariamente, presenciamos atos de agressão à natureza. Muitos amantes do nosso planeta Terra, têm se mobilizado para mudar o quadro, tanto nas capitais, quanto no meio rural. Nesta reportagem contaremos a história de pessoas e entidades preocupadas com o reflorestamento. Um trabalho com excelentes resultados.

Sementes que se multiplicam

Árvores brasileiras em extinção é coisa do passado. Pelo menos esta é a frase que o pecuarista Antônio Oliveira Pereira, (mais conhecido como "Toninho Pereira") espera poder falar um dia. Com propriedades no interior de São Paulo ele vem trabalhando, desde 1973, pela recuperação de espécies nativas que hoje, em consequên-

cia do desmatamento desenfreado, já não existem mais. Para isso, ele adquiriu uma fazenda - a "Xangrilá", na cidade de Barretos, SP, onde planta, exclusivamente, mudas de árvores brasileiras em extinção e árvores frutíferas, como a abil, a pitanga, a seriguela, a uvaia, o jambo, o jambolão e calabreia, que são apenas umas das muitas que

existem por toda a propriedade.

"Ao todo tenho umas 50 variedades. São dois alqueires reservados só para elas. Tenho uma avenida de Tamboril, outra de Ipê roxo, rosa e amarelos, uma de Jacarandá, uma estranha chamada de Guapuruvu, o Langue-langue, de Hong Kong, a Peroba, o Pau d'alho, a Figueira branca, o Cedro, etc...e assim por diante. "Este é um trabalho difícil e demorado, afinal uma árvore não nasce de um dia para o outro, mas é emocionante poder saber que estou contribuindo para uma natureza viva", comenta ele ao mesmo tempo que lamenta não ter encontrado ainda uma muda de Jequitibá. "Mas vou conseguir, mesmo que demore anos", diz. Afinal assim foi com a muda de Jaracatiaia que ele esperou por 15 anos para ganhá-la. "Vi uma Jaracatiaia pela primeira vez na fazenda de um amigo. O tronco era cheio de espinhos e tinha dois metros

de diâmetro. Eu me apaixonei. Fiz uma verdadeira campanha entre meus conhecidos e só sosseguei quando um policial rodoviário conhecido, me presenteou com uma muda. Pena que elas precisam de 10 anos para crescer. Agora, ela já está com um metro de altura, mas um dia vai chegar aos 50".

A idéia deste trabalho vem de longe. "Sou amante da natureza. Não me conformava cada vez que pensava que o meu neto talvez não pudesse abraçar um Pau-brasil. Queria deixar um mundo melhor para ele", afirma. E certamente vai fazê-lo já que ele planta pensando nas gerações futuras.

Antônio conta que quando começou a se dedicar ao plantio de espécies nativas recebeu várias críticas, algumas vindas até de próprios especialistas que não acreditavam no sucesso de seu trabalho. Eles se baseavam na tese de que árvores de outras regiões do Brasil, não se adaptariam ao clima do Sudeste, como por exemplo, o Mogno, típico da região amazônica e a Araucária brasiliense, própria para a região fria. "Plantei todas elas, no clima quente do interior de São Paulo, e consegui quebrar este tabu". O segredo para isto? "É simples", fala Antônio. "A palavra mágica é irrigação. Só isso. Não se pode deixar faltar umidade ao solo. Com água, qualquer espécie sobrevive. Se você irriga, ela se desenvolve com maior rapidez. Assim foi o caso das mudas de Mogno que plantei".

Na sua tarefa, Antônio conta com ajudas muito especiais - a da sua família, principalmente da sua esposa, que



é artista plástica e fotógrafa e é responsável pela plantação de flores - e a da própria natureza, que colabora e agradece. "Os próprios pássaros levam as sementes que plantamos para outras áreas. A Pitanga é um exemplo claro. Das duas mudas que plantei há quase 10 anos, já têm centenas espalhadas pela Xangrilá". Segundo Antônio este é um ciclo maravilhoso. "A fauna e a flora se recompõem sozinhas, basta que a gente não as atrapalhe", diz ele. "Com árvores, os pássaros voltam e acabam ajudando a reflorestar outras áreas, já que levam as sementes no bico. Quando comprei a fazenda, muitos pássaros e animais estavam desaparecidos. Agora voltaram todos". Ele cita como exemplos o mico cara-preta e o sagui, que não existiam na região. "Agora, lá na Fazenda já tem". O colibri, o sabiá e o beija-flor também são outros exemplos. "Se você planta o Camarão-amarelo e o Jambolão, você consegue atraí-los. As fêmeas acabam fazendo seus ninhos lá, e assim vão se multiplicando".

Outra vantagem do reflorestamento para Antônio e que o faz cada vez mais um pregador da ecologia: "onde existe mata preservada a onça não pega o bezerro. A morte de bovinos, vítimas de ataques de animais selvagens, só ocorre por causa do desmatamento. Sem floresta, a caça que a onça está acostumada a procurar, não existe mais, e então, ela vai atrás de outros alimentos e o bezerro é uma presa fácil. Se cada fazendeiro, com mil alqueires dei-

xasse 50% da área em mata nativa, os animais estariam protegidos. A legislação determina isto, mas ninguém cumpre. A ganância é a predadora da natureza", salienta.

Para levar o seu projeto adiante, Antônio Pereira acaba de ad-

quirir uma propriedade em São Bento de Sapucaí, SP, onde deu início a missão de plantar mudas de árvores, de flores e de grama, fechando as vossorocas provocadas pelo desmatamento e pela busca desenfreada de terra preta para os jardins das casas da cidade. E ele já começou a contrariar a tese de que, certas espécies de regiões quentes não se adaptam em regiões frias. "Aposto que conseguirei adaptar qualquer planta ou árvore naquela área" que ele chama carinhosamente de eco-fazenda.

Simultaneamente a este trabalho em suas terras bem próximas a Campos de Jordão, o pecuarista também está desenvolvendo a consciência ecológica, nas escolas públicas da cidade

ou junto a fazendeiros da região e conta feliz que conseguiu dissuadir uma conceituada fazendeira em não ceder aos apelos de exploradores de terra preta em permitir sua extração. "É que eles o fazem da forma mais incorreta possível deixando as raízes das árvores descobertas e a mercê dos ventos que as derrubam na primeira tempestade. Quando visito fazendas procuro conscientizar seus proprietários".

"Na região, tem um vilarejo que se chama Campineta. Desde que comprei minha fazenda faço palestras nas escolas mostrando a importância de preservação do meio-ambiente. É através da criança que conseguiremos chamar a atenção dos pais. Elas são as mestras mais eficientes. Muitas pessoas possuem dinheiro, mas não têm formação. Falta o questionamento do que é a natureza, de coisas simples. Qual a sua importância no contexto? Qual a importância de se lavar as mãos? Por que não se deve utilizar o estilingue? Por que não se deve sujar os rios, as matas ou quebrar um galho de uma árvore? É preciso mostrar o elo da cadeia".

Como defensor ferrenho da natureza, ele sempre encontra oportunidades de mostrar as pessoas os riscos de se destruir o ecossistema e conta uma experiência que viveu, alguns anos atrás no centro de São Paulo: "Certa vez, estava abastecendo meu carro em um posto de gasolina, quando vi uma funcionária jogando papel no chão.



Imediatamente, chamei o dono do posto e disse-lhe que se aquela cena se repetisse outras vezes, deixaria de abastecer meu carro, naquele local. Mais tarde fiquei sabendo que o proprietário do posto chamou todos os seus funcionários e os advertiu para que não jogassem mais lixo no chão, sob pena de descontos em seus salários. Acho que minha reclamação serviu porque, depois daquele dia, nunca mais presenciei algo semelhante. E olha que abasteço meu carro lá com regularidade”.

Antônio diz que não está sozinho nesta luta. “Conheço pessoas preocupadas com a ecologia. Tem muita gente plantando. Já existem centenas, milhares de propriedades dedicadas ao reflorestamento, mas ainda falta muito. Se todo o mundo se conscientizasse, teríamos um ambiente mais limpo. As pessoas jogam lixo dentro dos rios. Isto é um absurdo, que precisa ser mudado. Na Nova Zelândia, por exemplo, não se acha um palito de fósforo, ou um canudinho sequer

no chão e nem se vê ônibus soltando fumaça. Na capital paulista, graças a um modesto trabalho de conscientização pode-se ouvir o trinado dos sabiás, colibris, tico-ticos alegrando as praças e quintais dos paulistanos”.

Antônio Pereira também faz parte da Associação Brasileira de Proteção a Flora e Fauna, trabalhando como seu diretor há muitos anos. “Nossa entidade fez um trabalho excepcional no Pantanal, há dois anos recolhendo equipamentos de pesca que estavam matando os peixes. Acabamos com o uso de bombas dentro da água, que serviam para matar cardumes de pei-



xe” e menciona a SOS Mata Atlântica, na sua opinião, também “muito importante na luta contra o desmatamento utilizando-se de vários mecanismos para preservar a natureza”.

De olho no futuro, Antônio Pereira tem outros planos. “Na vida você faz um filho, planta uma árvore e escreve um livro. E eu só não fiz este último. Por isso, estou começando a escrever um livro sobre minhas experiências com reflorestamento. Quero contar sobre a formação de minhas propriedades, principalmente, a que está situada na bacia Amazônica - um modelo em termos de preservação de espécies nativas - e que foi, por muito tempo,

objeto de visitação. Isto, porque nunca derrubei um pedaço de nada que estivesse perto de alguma árvore. O que as pessoas não entendem é que se você tira a proteção das árvores elas serão, inevitavelmente, derrubadas pelo vento”.

Para quem não acredita no trabalho individual em benefício da coletividade, Antônio Pereira deixa um recado: “Na natureza, o homem consegue fazer tudo que deseja, desde que o faça com amor”.

Salve uma árvore! É de graça!

Um trabalho similar ao de Antônio Pereira, vem sendo realizado por dois engenheiros agrônomos de São Paulo,

com o apoio do Instituto Florestal do Estado. Cláudio Henrique Monteiro, que trabalha no Viveiro Florestal de Pindamonhangaba, SP e João de Mello, responsável pelo Horto Florestal de Campos do Jordão, há alguns anos vinham discutindo, a necessidade de se reflorestar as propriedades particulares, mas não

sabiam como começar.

Foi então que surgiu uma idéia: fundar uma Associação, a partir das arrecadações que o Ibama recebe das madeireiras ou de “lenhadores”. Estas arrecadações foram criadas a partir de uma resolução conjunta do IBAMA/DEPRM - Departamento Estadual de Proteção dos Recursos Naturais, órgão estadual que fiscaliza os desmatamentos de fazendas. Segundo ela, todo consumidor de madeira (cerraria, cerâmicas, hotéis) precisa pagar uma taxa para o IBAMA, no valor de R\$ 0,30 por corte de árvore. “Ele paga por m³ cortado”, explica Cláudio Monteiro.

A idéia foi boa. A Associação de

Reflorestamento Serra da Mantiqueira, oficialmente fundada, em setembro de 1997, nos mesmos moldes de outras existentes, atende a cidade de Campos do Jordão e região, e em menos de 6 meses foi a responsável pelo plantio de milhares de árvores, mesmo estando em fase de arrecadação. Ela tem como presidente de honra o ex-governador de São Paulo, Franco Montoro. O engenheiro João Mello é seu presidente executivo. Cláudio Monteiro ocupa a vice-presidência. "Nossa Associação está nascendo agora, mas já existiam outras. São 15 em todo o Estado", informa Cláudio. Fora de São Paulo, o Estado do Rio Grande do Sul, também está engajado em um processo semelhante.

O trabalho da Associação é incentivar o plantio em áreas degradadas. "Transformamos o dinheiro que recebemos em mudas, que são distribuídas, gratuitamente, aos fazendeiros da região, com total assistência técnica. O proprietário só entra com a mão-de-obra, insumos e a terra, um custo em torno de R\$ 600,00 por hectare", fala Cláudio.

Mas para participar do projeto é preciso atender uma única exigência: ter consciência ecológica. "Só entregamos as mudas, quando vemos que a pessoa está realmente apta. Fazemos uma seleção obedecendo critérios técnicos. O fazendeiro precisa ter uma ligação forte com a terra. É comum encontrarmos pessoas que não levam o nosso trabalho a sério", fala Cláudio. Para comprovar a sua intenção, o interessado precisa assinar um contrato, responsabilizando-se em cumprir todas as recomendações técnicas necessárias". Outra exigência: 5% da propriedade deve ter vegetação nativa.

As mudas distribuídas pela Associação são basicamente de eucaliptos e pinus. Para cada cinco hectares são entregues 8.300 mudas, que vão preencher áreas degradadas, mas a intenção é de, para um futuro bem próximo, aumentar este número para 41.500. Segundo Cláudio, cada fazendeiro tem direito de receber mudas para 5 a 25 hectares durante um ano agrícola. Mas, a doação pode ser repetida por outros

anos. "Com isso os fazendeiros dispõem de madeira para mourões, currais, cercas, etc."

"Nosso projeto, apesar de estar nascendo agora, já está conseguindo atender muitos proprietários e o interessante é que são eles que nos contatam. A procura é tão grande que estamos com uma demanda de 100

mil mudas de eucaliptos para o primeiro trimestre de 98. Em pouco tempo, estamos conseguindo atingir nosso objetivo, que é aumentar as áreas de preservação permanentes. Na década de 60, este trabalho era tarefa do governo, agora está nas nossas mãos e queremos levá-lo adiante", finaliza. ♣

Importância do reflorestamento para a pecuária

Não somos só nós que gostamos de sombra e água fresca. Os animais também. Está mais do que comprovado, que para climas tropicais, como é o caso do Brasil, é fundamental a presença de árvores frondosas para que eles possam recuperar energia, em dias muito quentes.

Com a introdução do gado europeu - na nossa pecuária de corte e de leite, essa necessidade se fez ainda mais necessária. É preciso que existam bosques, ou capoeiras, no interior dos piquetes e invernadas, para que o gado possa se proteger, por exemplo, no auge do calor por ocasião das quedas bruscas de temperatura. "Devido a falta de áreas reflorestadas, é comum registrarmos, em épocas de geadas, animais mortos em pastagens desprotegidas, principalmente no Brasil Central. Em épocas de tempestades também não é diferente. A falta de abrigos naturais, nas pastagens, provoca, muitas vezes, morte por raios", diz Cláudio Monteiro.

Mas, não é só por isso, que o pecuarista precisa investir em áreas reflorestadas. Elas são importantes no aspecto nutricional - já que os animais podem se alimentar de folhas verdes, além de permitir que eles se rocem nos troncos e galhos, controlando assim, a presença de parasitas. Outra vantagem é que reflorestamento também contribui com a fauna silvestre. "O ecossistema é bastante favorecido. Sem ele, há um total desequilíbrio ecológico. As aves fogem, dando espaço aos insetos daninhos, prejudicando a todos", comenta o criador Antônio Pereira. Apesar da sua fundamental importância, é preciso observar algumas regras na hora de plantar árvores em propriedades rurais. Árvores isoladas, por exemplo, só oferecem abrigo e alimento suficiente para atrair aves e insetos, como também, ficam desabrigadas do sol e ventos fortes. Outro risco, que se corre, é na hora de limpar as pastagens. Equipamentos pesados, como tratores e grades pesadas acabam por danificar as árvores.

E eles deixam algumas dicas: grupos de árvores distribuídos em faixas trazem uma série de vantagem, tanto na resistência das próprias árvores, quanto nos benefícios que trazem para o gado e fauna silvestre. As faixas arborizadas devem ser utilizadas em curvas de nível, reduzindo, com isso, a erosão do solo e protegendo nascentes e cursos d'água.

Para favorecer o equilíbrio ecológico além de servir de abrigo para bovinos, recomenda-se preservar de 3% a 8% da área nativa no interior das pastagens. Para complementar o que já existe, são indicados para o plantio do jatobá, cumbaru, mangueira, figueira, ingazeiro, mangabeira, aroreira, faveiro, pau-ferro, copaiaba, pérola-do-campo, jacarandá-do-campo, cabriúva-vermelha, pequi, entre outras essências florestais. ♣

75ª Royal Agricultural Winter Fair: Brasileiros são destaque no Canadá

Entre os dias 08 e 15 de novembro de 1997, criadores e animais brasileiros das raças Jersey, Holandês, Limousin, Pardo-Suíço e Simental estiveram participando de uma das maiores feiras agropecuárias do mundo - a 75ª Royal Agricultural Winter Fair, realizada na cidade de Toronto, no Canadá.

A comitiva brasileira, composta de 400 produtores e técnicos, fez parte das 350 mil pessoas que compareceram ao local, sendo que delas seis mil vieram de outros 40 países. Os participantes puderam presenciar uma semana completa de julgamentos e leilões de 12 raças bovinas de corte e leite. Ao todo, incluindo pequenos, médios e grandes animais foram 10 mil, espalhados em uma área coberta de 100 mil m².

"O número expressivo de produtores na Royal Agricultural Winter Fair



Gado Jersey em julgamento

demonstra, claramente, o interesse dos brasileiros pelos produtos canadenses", afirmou a zootecnista brasileira Cristina Ikonomidis, responsável pela área de pecuária do Consulado Geral do Canadá no Brasil. Atento a esta realidade, o governo canadense preparou para, 1998, um intenso programa de aproximação com outros países, o programa "Focus on Latin America". Já está confirmada a vinda, ao Brasil, de delegações canadenses para fechamento de parcerias.



Acmé Star Lily: grande campeã do Gado Holandês.

Os destaques

Entre as raças de corte foram destaque na 75ª Royal Agricultural Winter Fair o Simental e o Limousin, que atraíram milhares de criadores nacionais pela sua excelente qualidade. No leite, os aplausos ficaram com o Jersey e o Pardo-Suíço. Um bom sinal para os criadores brasileiros que chegam a importar, por ano, mais de meia centena de bovinos leiteiros e de corte, do Canadá. De acordo com o pecuarista Arnaldo Mendes, da Santa

Ondina Agropecuária, presente à Feira, o holandês canadense vem atraindo cada vez mais adeptos no Brasil. "Trata-se de uma genética excepcional. Quando os animais estão em pista, disputando um campeonato, fica clara a padronização e o alto nível das vacas canadenses".

O Jersey canadense também fez

muito sucesso. Os julgamentos da Royal tiveram um ingrediente adicional para atrair os criadores nacionais. O brasileiro Vittório Di San Marzano, proprietário da Piedmont Farms, fazenda adquirida há pelo menos cinco anos no Canadá, foi um dos favoritos na disputa pelos principais prêmios da raça. "O gado Jersey canadense é de altíssima qualidade, além de produtivo. O trabalho que realizamos na Piedmont comprova estas características", afirma Vittório. ♡

RESULTADOS DOS JULGAMENTOS

HOLANDÊS

Grande Campeã: **Acmé Star Lily** (Alta Genetics/Continental Holsteins/Simanton).
Melhor Criador: Dupasquier e Filhos (Guelph, Canadá).
Melhor Expositor: Dupasquier e Filhos (Guelph, Canadá).

JERSEY

Grande Campeã: **Ron-Net Maple Dorie Dee** (Elliot Kueffner).
Melhor Criador: Rock Ella Jerseys (Horsby, Canadá).
Melhor Expositor: Piedmont Farms (Coaticook, Canadá).

PARDO-SUIÇO

Grande Campeã: **R Hart CD Clar ET** (Elm Park Farms).
Grande Campeão: **AMSH Pol George 2G** (Van&Pat McCordick).
Melhor Criador: Kayle Farms (Iona Station, Canadá).
Melhor Expositor: Dunford Royal Cattle Company (Woodstock, Canadá).

Se o seu negócio tem alguma coisa a ver com essa estrada, anote um endereço:

www.uol.com.br/ruralbusiness

Informação. É tudo o que você precisa para fechar um bom negócio. Principalmente no campo, onde as cotações do mercado mudam a cada dia. Mas se você é usuário da Internet, não tem problema. É só acessar o site da Rural Business. Agricultura, suinocultura, avicultura e pecuária de corte e de leite, tudo atualizado diariamente e com informações e análises feitas por quem realmente entende dos mercados. Sem falar que a Rural Business é mais uma das grandes sacadas do Universo Online, sempre atento ao que você precisa. Não esqueça: na estrada do futuro, Rural Business, o endereço certo.



RURAL
business
O novo Brasil Rural


**UNIVERSO
ONLINE**
www.uol.com.br

Embaladora Automática à vácuo: eficiência à toda prova

A Sunnyvale antecipa-se ao futuro lançando no mercado brasileiro, a **Embaladora Automática à Vácuo WBM 1350** para grandes produções, que é fabricada pela empresa alemã Webomatic, comprometida com o desenvolvimento de novas tecnologias no setor de vácuo.

A WBM 1350 é a primeira embaladora com painel computadorizado que oferece maior quantidade de recursos e menor margem de erros. Através de modem, a Webomatic pode diagnosticar e sanar, à distância, qualquer problema apresentado no processo de embalagem. Além do mais, a WBM 1350 pode armazenar importantes dados de seu produto para que o mesmo fique em conformidade com as exigências de qualidade ISO 9000.

A Embaladora Automática à vácuo possui diferenças significativas de outros equipamentos destinados para o mesmo fim:

- design compacto em aço inoxidável 304L e acabamento aprimorado que garantem uma manutenção mínima;
- nível de proteção IP6% torna esse equipamento adequado à operação em

ambientes agressivos e facilita sua higienização;

- bomba Booster de 1500m³/h;
- bomba de vácuo de 500 ou 630 m³/h;
- dimensões externas: 3800 x 1540 x 2400 mm;
- dimensões de Câmera: 1400 x 1050 x 250 mm.;
- barras de solda de 1350 mm de cada lado;
- peso aproximado de 2200 kh;
- capacidade de 3 a 4 ciclos por minuto.

Carne processada: Para uma embalagem medindo 230 x 400 ml - uma das medidas mais utilizadas na indústria frigorífica, podemos colocar 5 embalagens em cada barra de solda. Com capacidade de, no mínimo, 2 ciclos por minuto, teremos 20 embalagens em 1 minuto. Em um turno de 8 horas serão feitas 7.200 embalagens.

Carne fresca: Para uma embalagem medindo 400 x 600 ml, podemos



colocar, simultaneamente, 3 embalagens em cada barra de solda. Com a capacidade de ciclo no mínimo 2 por minuto, teremos 12 embalagens por minuto. Em um turno de 8 horas, serão 4.200 embalagens.

Calculando-se uma média conservadora de aproximadamente 6 kg por embalagem, chegaremos à impressionante produção de 30 toneladas por turno. A Sunnyvale acredita que isto é eficiência.

Informações: Tel. (011) 822-9300
Fax (011) 829-4018.

Brinco controla mosca-dos-chifres por até 4 meses

A Novartis acaba de lançar **NEOCIDOL B**, o mosquicida que controla, com eficácia, as moscas-dos-chifres, inclusive as resistentes aos piretróides. O produto age liberando gradativamente seu princípio ativo, o Diazinon, mantendo, assim, uma camada de proteção permanente sobre o pêlo dos animais. Para isso, é necessário usar 2 brincos por animal.

Por possuir ação prolongada, **NEOCIDOL B** proporciona redução de manejo, menor gasto com mão-de-obra e menor estresse dos animais. E os resultados obtidos com um bom controle da mosca-dos-chifres, todo pecuarista sabe: a criação apresenta melhor produção de carne e leite, além de considerável melhora na reprodução.

Maiores informações pelos telefones (011) 532-7332 / 532-7327.



Dinamômetros CROWN

O QUE SÃO E PARA QUE SERVEM?

As inúmeras aplicações dos Dinamômetros CROWN na aferição de forças, testes de resistência e controle de pesos, tornaram estes instrumentos necessários e imprescindíveis em todos os setores de atividade: na indústria, no comércio, nas oficinas, nos laboratórios, no campo, na agropecuária, etc. Os Dinamômetros CROWN são apresentados em 3 modelos "AT", "AR" e "BR" com capacidade que variam de 500g a 6.000 kg.

Algumas aplicações

Nos testes de:

- Resistência de fios cirúrgicos
- Laboratório no desenvolvimento de produtos
- Resistência de concreto e artefatos de cimento

No controle de:

- Peso do leite e outros líquidos
- Engorda de pequenos e médios animais
- Dosagem de rações balanceadas.

Características técnicas

Tipos	Capacidade (kg)	Gradação (gramas)
AR- 1	1	5
AR- 2	2	10
AR- 5	5	20
AR- 10	10	50

Tipos	Capacidade (kg)	Gradação (gramas)
AR- 20	20	100
AR- 50	50	200
AR- 100	100	500
AR-200	200	1000

- Capacidade de 1 a 200 kg.
- Portátil, fabricado em alumínio-magnésio.
- Peso do aparelho: 2.100g.
- Composto por elementos elásticos de aço inoxidável.
- Deflexão em proporção direta à carga aplicada.
- Mostrador circular tipo relógio, de leitura simples e direta, com divisões em preto sobre fundo alumínio.
- Gradação em escala de Quilos.

- Ponteiro de indicação em preto.
- Ponteiro morto para registro da força máxima aplicada.
- Exclusivo botão regulador com retorno do índice para a posição zero de cargas de tara de até 20% da capacidade do aparelho.
- Pode ser usado em qualquer posição.
- Precisão de 1% da capacidade total.
- Garantia contra qualquer defeito de material, fabricação ou precisão.

ESTA É UMA BALANÇA DA MARCA E QUALIDADE
OSWALDO FILIZOLA



A ÚNICA COM
TRÊS ESCALAS



Técnica Industrial Oswaldo Filizola Ltda.
Rua Paulo Andrighetti, 1649 - CEP 03022-000 - Pari - São Paulo - SP
Fone: (011) 693-0101 - Fax: (011) 693-0105

Cydectin NF: lançamento da Fort Dodge

Um novo produto para tratamento de parasitas bovinos já está no mercado. É o **Cydectin NF**, lançado pela Fort Dodge Saúde Animal Ltda, em substituição ao CYDECTIN - uma fórmula com seis anos de vida que provou ser um potente carrapaticida, mas que deixava brechas e fez com que a empresa investisse em direção de algo mais eficiente e de resultados ainda melhores.

O **Cydectin NF** é um endoectocida obtido a partir da fermentação de microorganismos como o *moxidectin*, que se agarra às moléculas de gordura do organismo animal e vão sendo liberadas lentamente. Ao mesmo tempo, o *moxidectin*, comparado como *ivermectin* - princípio ativo usado na maioria dos produtos existentes no mercado, é 133 vezes mais solúvel em gordura.

Nas verminoses gastrointestinais, as pesquisas de campo como o **Cy-**

dectin NF mostraram que o medicamento permanece em ação no organismo de um bovino por 35 dias. Nas verminoses pulmonares, o período de persistência do produto pulou para 42 dias e usando-o em infestações naturais de carrapatos, a eficiência do anti-parasitário ficou acima de 95%. Isso é possível porque o **Cydectin NF**, ingerido através do sangue do bovino pelo carrapato fêmea, atua diretamente no seu aparelho reprodutor, diminuindo a capacidade de se proliferar. O produto tem também mostrado total eficácia no combate à sarna e aos piolhos sugadores.

Altamente seguro, o novo **Cydectin NF** pode ser aplicado em toda categoria de animal, independente de seu peso.

Maiores informações pelo telefone 0800-169988. ♡

Tortuga lança Projeto Boi Verde



Os "complexos orgânicos de liberação controlada", vem sendo pesquisados, há dez anos, pela Tortuga com o objetivo de tornar mais eficiente a assimilação dos nutrientes dos capins pelos bovinos, de tal forma que seja possível criar, recriar e engordar estes animais apenas a pasto.

A empresa, que contou com o apoio da Faculdade de Medicina Veterinária de Turim, Itália, para desenvolver tal pesquisa, está lançando o **Projeto Boi Verde**, que é composto por cinco suplementos minerais, cada um com propriedades específicas para

determinada época do ano e categoria animal. São eles: o **Fosbovino** (cria), o **Foscromo** (recria águas), o **Nutricomo** (recria seca), **Fosbovi Engorda** (acabamento) e **Fosbovi 20** (reprodução) em cuja formulação entram os "complexos orgânicos de liberação controlada - uma exclusividade da Tortuga.

Esses minerais ativam com eficiência as bactérias do rúmen, responsáveis pela transformação dos componentes dos capins em carne.

Maiores informações através do fone (011) 816-6122. ♡

Fort Dodge leva você à Copa do Mundo na França



A Fort Dodge Saúde Animal está realizando um concurso que vai agitar o mercado e até já tem alguns criadores felizardos. São eles: **Conor Moreira do Vale** de Guapó, GO; **Oswaldo Souza Machado** de Dracena, SP; **Marcos de Castro Machado** de Goiânia, GO; **Wendel Clemente** também de Goiânia, GO; **Anibal José Mendes**, de Dracena, SP e **José Ferreira Galvão**, de Goiânia, GO. Eles foram contemplados com uma viagem à Paris e vão assistir aos jogos da Copa do Mundo de 98.

Como participar?

A mecânica é simples. Basta que o criador adquira os produtos **Cydectin NF**, **Vaxalll**, **Equest** e **Triangle**, anote o número da Nota Fiscal no cupom, indique o produto e o nome da loja onde fez a aquisição e coloque o cupom no correio enviando-o para a sede da Fort Dodge, em Campinas, SP, onde é feito um sorteio mensal. Ao todo, são 12 pacotes de viagem para a primeira fase da Copa e 12 para a segunda que incluem passagens aéreas, traslados terrestres, hotel e os ingressos para assistir aos jogos.

Os sorteados estarão, em contrapartida, usando produtos Fort Dodge além de aparecer em anúncios da campanha publicitária que a empresa está preparando. ♡

Caderno de Negócios

FRAFORTE  

12 vitaminas + 12 minerais + metionina
25 elementos potencializados
+ carne + leite + fertilidade

FRAFORTE é a solução para cascos doentios
Aceitamos Representantes

Ind. Fina Ind. Com. de Produtos Químicos e Veterinários Ltda.
Cajuru - SP - Telefax: (016) 667-3200

RATOS? MORCEGOS? ACABE COM O PROBLEMA

Aparelho ultra-sônico com tecnologia japonesa, sem similar no Brasil.
Disponível em três modelos para proteção em áreas de 150, 700 e 1.400 m².

BRASTEC INSTRUMENTAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.
Rua Gal. Costa Campos, 65 - cj. 304
CEP 37130-000 - Allenas - MG
Tel: (035) 292-1889 - Fax: (035) 292-1320





BEABISA AGRICULTURA LTDA
Machos e Fêmeas Simental F0 e Cruzamento
Fazenda Rio da Mata
Morro Agudo - SP
Telefax: (016) 636-4488

TOPOGRAFIA por GPS

Rapidez e precisão - preservação permanente, licença legal - não pague imposto indevido - não desperdice terras. Fale conosco. Em qualquer local do País, mapeamos seu solo, altitudes, vegetação, benfeitorias, etc.

Luiz Henrique Silva de Moraes e Associados
Rua Jansônio Barbosa, 232 - Cassilândia (MS)
Fone: (67) 298.1964 Cel: (667) 968.8299

POCO DE AGUA EM 2 DIAS

Perfuratriz PORTÁTIL HidroDRILL²

A máquina que garantirá sua INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA!
Até 60 m • Até 4"

VALSAN 

Rua da Consolação, 1992 - CEP 01302-001 - São Paulo/SP
Fone: 258-0855 Fax: 214-5792

CAIXAS D'ÁGUA METÁLICAS

TODOS OS MODELOS E CAPACIDADES

 **METALPA**
CONSTRUTORA METALPA LTDA.

FONE (0183)22-3315
FAX (0183)22-3801
Rod. Raposo Tavares, KM 443
Assis - SP - CEP 19800-000



AVEIA E ALFAFA

Nosso lema é Boa Qualidade
Direto da fonte produtora

Pedidos pelo fone: (043) 742-3464

Comercial de Alfafa Bandeirantes
R. Eli Arantes Pereira, S/N
Parque Indl. Bela Vista
CEP 86360-000 - Bandeirantes/PR

USIPREMA
Usina de Preservação de Madeiras
Comércio e Serviço Ltda

POSTES - MOURÕES - ESTEIOS
PALANQUES - ESTICADORES
E MADEIRA EM GERAL

Rod. SP 215 km 157,5 - São Carlos - Ribeirão Bonito - SP
Fone: (016) 982.9691 Fax: (016) 982.9690

 **IRMÃOS OLIVEIRA & CIA LTDA.**

Bretes de Contenção
Bretes Casqueador
Apartadores
Seringas
Cochos



IRMÃOS OLIVEIRA & CIA. LTDA.
Av. Dr. Leôncio da Costa
Machado, 3616 - Dist. Ind.
Cx. Postal 177 - Garça/SP - 17400-000
Fone/Fax: (014) 461-0094

OPORTUNIDADE DE NEGÓCIOS

HY HUNTER
O Rei da Minhoca
Agora também no Brasil

SEJA UM CRIADOR DA MINHOCÁ SUPERWORM

Investimento mínimo e mercado garantido. Fácil, ecológico e lucrativo.



Fone/fax: (061) 366.2257

**ANUNCIE PELOS TELEFONES:
(011) 831-7982 / 261-8438**

Controle Leiteiro: Parceria Pecplan ABS e ABC gera benefício aos produtores

Boa notícia para os produtores de leite participantes do Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores (ABC). A partir de agora, eles têm uma condição especial na aquisição de sêmen de reprodutores da Pecplan ABS. Acordo neste sentido foi firmado entre a ABC e a Pecplan ABS. "Os criadores integrados ao SCL da entidade ganham 15% de desconto sobre nossa lista normal de preços, além dos nossos descontos normais, como os de 10% nas compras à vista", informa Donário Lopes de Almeida, gerente geral da Pecplan ABS.

Os benefícios do acordo são de todos. A ABC pode oferecer aos produtores de leite que utilizam o seu controle leiteiro uma vantagem a mais e seus 35 controladores espalhados pelas principais bacias leiteiras do Centro-Sul poderão participar dos cursos e palestras - acasalamento dirigido, qualidade do leite, mastite, etc - promovidas pela Pecplan ABS. Já os produtores poderão adquirir sêmen de touros norte-americanos provados, em condições especiais, e aprimorar sua produtividade. Por outro lado, a Pecplan ABS poderá ampliar sua base de atuação junto ao mercado leiteiro atendido pelo Serviço de Controle Leiteiro da ABC. ↘



A Melhor Genética

PARCELA
NO S



ABS Global líder na comercialização de sêmens

Em busca do pleno desenvolvimento de novas tecnologias, a ABS Global, líder no mercado mundial de inseminação artificial, vem apostando, já há 10 anos, no programa de clonagem de embriões. Em 1997, a empresa - que está presente em mais de 70 países - comercializou em torno de 7 milhões de doses de sêmen, obtendo um faturamento de US\$ 80 milhões.

Estes números estão sendo muito comemorados pelos seus dirigentes. "Ser líder, num mercado tão disputado, como o de genética bovina é constatação de que fazemos um trabalho sério, e, principalmente, colocamos à disposição de nossos clientes o que há de melhor em sêmen, embriões, e num futuro próximo, o processo de clonagem desenvolvido por nossa equipe de geneticistas", fala Marc Van't Norde-

endê, presidente da ABS Global.

Atualmente, a ABS está em processo de coleta, industrialização e comercialização de material genético. "Desde o momento em que o touro chega para testes, até a utilização do seu sêmen e o resultado obtido com esse produto, são realizados 40 testes de qualidade. "Nada sai daqui sem termos a total garantia da sua qualidade", afirma o médico veterinário Marvin Pace, chefe do laboratório.

Esse cuidado começa na escolha dos reprodutores. Técnicos "olheiros" da ABS Global espalhados pelo mundo, fazem a indicação inicial. Posteriormente, os melhores animais vão para instalações especiais e exclusivas. Eles permanecem lá até serem obtidos os primeiros resultados do seu sêmen. Para isso, a ABS Global mantém uma proprie-

dade, com 270 machos, da raça holandesa, à espera desta avaliação, para saber se continuam no processo ou se são rejeitados. "Nosso trabalho exige este tipo de investimento. Não se pode fazer genética de qualidade superior sem pagar para ver", confirma Marvin Pace.

A partir dos resultados obtidos nas provas, os touros ganham o mundo. Somente, no Brasil, a Pecplan ABS conta com cerca de 500 reprodutores em seu portfólio de todas as mais importantes raças de leite e de corte. Segundo ela, "a pecuária brasileira tem um potencial incrível. Investindo na genética provada e oferecida pela Pecplan ABS, o criador só tem a ganhar. Para tanto, basta confiar em nossa equipe e nos serviços oferecidos que o resultado aparece", afirma Van't Nordeende. ↘

Clonagem chega ao mercado em cinco anos

A comercialização de embriões de bovinos clonados não está muito longe de acontecer. Quem dá essa informação é o zootecnista, Michael Bishop, chefe da equipe de pesquisadores da ABS Global. Presente, em São Paulo, ao seminário "Nelore do Século XXI", ele garante que, em quatro ou cinco anos, a tecnologia de clonagem de embriões de bovinos já estará disponível, para uso, pela indústria animal.

Para isso, a ABS Global já investiu mais de US\$ 20 milhões no desenvolvimento desta tecnologia, criando uma ilimitada fonte de recursos genéticos, com custo acessível à pro-

dução de bovinos clonados. O bezerro **Gene** é o principal exemplo do trabalho da ABS Global. Ele foi o primeiro animal clonado do mundo e está em início de coleta de sêmen nos Estados Unidos.

"Nós podemos fazer o número de clones que quisermos, congelando-os pelo tempo que for necessário e fazendo animais idênticos, com as características que desejarmos. No caso da pecuária de corte, por exemplo, é possível clonar animais com melhor qualidade de carne. O mesmo pode ser feito em relação às vacas com altas produções leiteiras", afirma

Bishop. A prova disso é que dezenas de outros bovinos clonados estão nascendo na sede da empresa, em DeForest, Wisconsin, EUA.

Até fevereiro de 98, a ABS Global vai fechar uma parceria com a Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, para a criação de um banco de germoplasma no país. Com a parceria, será possível, a médio prazo, preservar o material genético das diversas espécies brasileiras, tanto de bovinos quanto de vegetais. "Trata-se de uma aplicação muito importante da técnica de clonagem desenvolvida pela ABS Global", finaliza ele. ♣

Vaca Simental é destaque em coleta de embriões

A vaca Simental **Odaréia**, da Interplan Agropecuária de Itararé, SP, bateu seu próprio recorde na coleta de embriões realizada pelo veterinário João Pedro Pelissari: dos 33 da coleta anterior ela produziu 78 embriões dos quais 51 foram congelados por total falta de receptoras.

Odaréia, com cinco anos de idade, foi inseminada com o sêmen do touro alemão **Mosmont**, filho da vaca **Fleckvieh LISETTE N** que tem produzido 10.165 kg de leite em 305



dias de lactação.

Segundo Alan Fraga, diretor técnico da Associação Brasileira de Criadores da Raça Simental, a Entidade

não tem conhecimento de outras coletas com números maiores de embriões. "Só a raça Simental para alcançar tamanho índice. Ela tem excelente fertilidade e sempre se destacou, entre as demais, com a maior média de embriões", diz.

O veterinário da Interplan Agropecuária Ltda, José Pedro Pelissari, espera um resultado de pelo menos 30 prenhez positivas desta coleta, suficiente para formar um razoável rebanho Simental", finaliza. ♣

Produção de ração animal sobe 10% em 97

Dados do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) mostram que o mercado de ração animal terminou o ano de 97 em alta, afinal, a produção total - de 28,67 milhões de toneladas de rações, superou em 10,2% a obtida em 96 (26,01 milhões/t). Esse aumento foi possível devido a maior oferta de alimentos para aves e suínos. De acordo com a Entidade, no ano passado as fábricas produziram 16,34 milhões de toneladas de rações para aves (corte e postura) - aumento de 7,1% sobre o ano anterior (15,25 milhões/t); e 8,95 milhões/t de ração para suínos - evolução de 5,4% sobre 96 (8,49

milhões/t). Juntas, essas atividades responderam por 87% da produção total das rações animais.

Em termos percentuais, o destaque ficou com os alimentos para bovinos, que tiveram um crescimento de 43,6%, subindo de 1,24 milhão/t (96) para 1,78 milhão/t (97). Rações para pequenos animais também tiveram aumento de 31%, passando de 420 mil toneladas para 550 mil. O segmento "outros", que compreende rações para coelhos, aves ornamentais, rãs, caprinos, ovinos e demais atividades, apresentou uma forte evolução, saltando de 386,9 mil toneladas, em 96, para 745 mil, em 97 (92,5%). O

Sindicato também analisou o desempenho da produção de alimentos para eqüinos e peixes e comprovou que estes segmentos cresceram em 12%.

Segundo a entidade, este aumento na produção de rações vem sendo observado ao longo dos últimos sete anos. Desde 1990, este mercado vem dobrando seu faturamento. Em 1990 foram 14,8 milhões de toneladas e em 97, 28,6 milhões. A Suinocultura, por exemplo, que antes participava com 26%, hoje está com 31%. Este também é o caso dos eqüinos, pequenos animais e peixes. Eles, que participavam com 3% do mercado, agora estão com 3,8%. ♣

ABEAS anuncia cursos à distância para 98

Segundo Helmut Forte Daltro, presidente da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior - ABEAS, "a educação a distância é uma das formas mais eficazes de democratizar o processo educacional, difundir informações atualizadas e transparentes. A educação à distância, tutorada, ao contrário do que alguns pensam, não traz riscos e sim abre possibilidades de ampliação rápida de conhecimentos, sendo hoje uma

realidade e uma das pedras angulares da revolução educacional, que tem como centro o patrimônio mais importante da sociedade que é o profissional qualificado; contribuição relevante para a concretização da democracia e cidadania".

A ABEAS, dentro de seu papel já histórico, lança sua grade de Cursos de Especialização por Tutoria à Distância para o ano de 1998 que compreende, entre outros:

Ciência e Tecnologia de Sementes

Ministrado pela Universidade Federal de Pelotas, este curso é destinado a engenheiros agrônomos e outros profissionais de nível superior.

Fertilidade e Manejo do Solo

Ministrado pela Universidade Federal de Viçosa, destinado para engenheiros agrônomos, florestais e agrícolas.

Nutrição Mineral de Plantas

A instituição responsável é a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz - ESALQ.

Administração Rural

Ministrado pela Universidade Federal de Viçosa.

Sensoriamento Remoto e SIG

Ministrado pela Universidade Federal da Paraíba.

Desenvolvimento Sustentável para o Semi-Árido Nordestino

Ministrado pela Universidade Federal da Paraíba.

Conservação e Preservação de Recursos Hídricos

Ministrado pela Universidade Federal do Mato Grosso.

Construção e Instalações Rurais

Ministrado pela Universidade Federal da Paraíba.

Toxicologia Animal

Ministrado pela PUC do Rio Grande do Sul.

Agricultura Tropical

Ministrado pela Universidade Federal de Pernambuco.

Proteção de Plantas

Ministrado pela Universidade Federal de Viçosa.

Engenharia e Manejo de Irrigação

Ministrado pela Universidade Federal de Viçosa.

Caprinocultura

Ministrado pela Universidade Federal da Paraíba.

Processamento de Cerveja

Ministrado pela Universidade Federal do Mato Grosso.

Maiores informações: fone/fax (061) 225-5928 - E-mail: abeas@apis.com.br

Gaúchos iniciam campanha contra aftosa

Os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina entram no ano decisivo para conquistarem, junto à Organização Internacional de Epizootias, localizada na França, em maio próximo, o reconhecimento internacional de Zona Livre de Febre Aftosa com Vacinação. E para garantir essa invejável condição, a Secretaria da Agricultura e Abastecimento (SAA) está deflagrando, em todo o Estado, uma forte campanha de vacinação nestes dois primeiros meses do ano. O secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Cezar Schirmer, mobilizou cerca de 850 pessoas em mais de 170 Inspeções Veterinárias, num trabalho coordenado pelo Departamento de Produção Animal.

A meta é de imunizar a totalidade do rebanho bovino gaúcho, hoje estimado em 12 milhões de cabeças e há 4 anos sem a presença da doença clínica.

humor



LEILÃO OFICIAL ABQM

Quarto de Milha

Ó cavalo mais versátil do mundo

TRABALHO • CONFORMAÇÃO • CORRIDA

Faz tudo isso e muito mais...

Março 1998

Dias 14 (Sábado) e 15 (Domingo)

15 HS - AGROCENTRO

(Parque da Água Funda - SP)

Leiloeira:



(011) 3872.8428

Realização:



(011) 864.0800



Quem são os criadores do futuro?

Para IVOMEC e para você, gado saudável e futuro seguro são a mesma coisa. Por isso, IVOMEC investe tanto em tecnologia, oferecendo sempre novas formulações e novas formas de aplicação. Porque não estamos fabricando o melhor antiparasitário, nem você está apenas criando gado. Estamos criando o futuro.



Ivomec e você. Criadores de futuro.

